



PONTOS E
HISTÓRIAS

*Renda Renascença
e Mulheres Rendeiras*



PONTOS E
HISTÓRIAS

*Renda Renascença
e Mulheres Rendeiras*

Semear
Conhecimento em zonas semeadas
do nordeste do Brasil.

FIDA
Investindo nas populações rurais



SALVADOR-BA, BRASIL
2017

PROGRAMA SEMEAR (FIDA/IICA/
AECID) GESTÃO DO CONHECIMENTO
EM ZONAS SEMIÁRIDAS
Coordenação Geral
Dirce Ostroski

Coordenação de Comunicação
Simone Amorim Ramos

Coordenação de Suporte
Elisa Sousa

Assistente Administrativa
Nilma Araújo

Assistente de Coordenação
Márcia Menezes
PONTOS E HISTÓRIAS:

ALMANAQUE DA RENASCENÇA E
DAS MULHERES RENDEIRAS
Supervisão Geral
Dirce Ostroski

Coordenação Editorial
Simone Amorim Ramos

Sistematização
Joselita Frutuoso de Araújo
Macêdo Filha (Nena)

Apoio Sistematização
Joseane Bezerra de Freitas
Maria do Socorro Barbosa Germano
Maria do Socorro da Costa
Rosemilda Bezerra da Silva

Redação
Joselita Frutuoso de Araújo Macêdo
Filha (Nena) e Bruna Pegna Hercog

Edição e Revisão Final
Bruna Pegna Hercog,
Simone Amorim Ramos

Fotografias
Manuela Cavadas, Joselita Frutuoso de Araújo
Macêdo Filha (Nena), Simone Amorim Ramos

Projeto gráfico e diagramação
Kátia Ozório - Artífic Design

Capa
Kátia Ozório - Artífic Design

Impressão
Logpress Soluções Gráficas LTDA
1.000 unidades

Colaboradores de Conteúdo:

Aguida Teixeira da Silva; Albani de Paula de Lima Silva; Ana Célia dos Santos Ramos, Ana Nery da Silva Gonçalves; Ana Rita Oleriana dos Santos (Ana); Anátalia Aparecida da Silva Reinaldo (Natália); Antônia Bezerra de Oliveira; Arlane Barros de Farias; Cacilda Zeferino Neves; Carmelita Anunciada da Silva; Carmem Lúcia Bezerra do Nascimento; Célia Maria da Silva; Celso Duarte; Claudenice Amaro da Silva; Dalma Aparecida Catanha Barbosa; Danielma dos Santos Cândido; Deogracia Monteiro Nascimento (Deo); Dolores do Carmo F. De Freitas; Edjalia Pereira da Silva; Ednaldo José Silva (Lalá); Elisa Rosa Alves; Elizabete Leite da Silva; Elza Feitosa Ferreira; Elzira de Freitas Souza (Zira); Eulina Maria de Jesus; Everina Maria Pereira (Biu); Fátima Suelene de Oliveira Medeiros (Suelene); Fernandina C. De Souza; Helena Batista Calado; Helena Izabel Delmiro Correa; Inácia de Souza Farias; Inácia Farias Cavalcante; Iolanda Bezerra Cabral (Nana); Iracema Maria de Jesus; Iraelida Torres; Irenilde Avelino de Lima; Irideusa de Freitas Bezerra; Isabel Medeiros

Batista; Isomar Paulo do Nascimento; Ivaneide André de Oliveira; Janaína Cordeiro de Moura; Janeide Marques de Araújo; João Elias Espíndola; Joseane Bezerra de Freitas (Jóia); Josefa Bispo de Oliveira; Josefa Faria da Costa; Josefa Pereira Neves; Joentina Valdevino de Souza (Nina); Judite Bispo de Oliveira; Juliana Barbosa Germano Medeiros; Jussara Campos Cavalcante; Kildare Karan N. F. E Silva; Laurisvan Sabino da Silva; Lourival; Lucélio Sabino da Silva; Luciana de Fátima Barros de Farias Margarida José de Amorim; Maria Adriana Ardina; Maria Adriana Avelino; Maria Alves da Costa (Maria de Domingos); Maria Aparecida Silva Souza (Aparecida); Maria Bezerra de Lima Silva; Maria Cleonice F. De Oliveira; Maria da Conceição de S. Ventura; Maria das Dores dos Santos (Maria de Gonzaga); Maria das Graças Sidrônio (Maria de Odon); Maria das Neves Vasconcelos Ferreira (Niva); Maria de Fátima de Souza Costa; Maria de Fátima Oliveira Brandão (Helena); Maria de Fátima Souza Alves; Maria de Lourdes Souza de Oliveira (Lurdinha); Maria de Lourdes Tomé de Santo; Maria de Socorro Duarte (Socorro); Maria do Socorro Barbosa Germano (Socorro); Maria do Socorro da Costa (Socorrinha); Maria do Socorro Lopes (Socorro); Maria Elisete

Farias da Silva; Maria Freire de Souza; Maria Helena Venâncio de Farias (Helena); Maria Ivoneide Cordeiro de Freitas; Maria José Ferreira; Maria José Lima Martins; Maria José Ventura Alves; Maria Lima Duarte (Maria de Celso); Maria Lúcia da Paz Ermínio (Liu); Maria Lusiane da Silva; Maria M. Bezerra; Maria Marli Farias de Araújo (Marli); Maria Marluce Amurim de Lima (Marluce); Maria Micaela Alves de Sousa; Maria Natividade de Freitas Duarte (Natividade ou Nativa); Maria Nazaré; Maria Patricia Félix Bezerra; Maria Regina Gomes (Regina); Maria Tereza de Souza Menezes; Maria Terezinha Leite Duarte; Maria Vandelucia Pinheiro B.; Neide Cordeiro de Araújo; Neudenis Maria A. Carvalho; Nilcilene Ferreira Brandão; Paula Dayana Catanha Barbosa; Paula Franssinete da Silva; Quitéria Alves Domingo; Quitéria Ventura dos Santos; Rosa Maria de Lima; Rosemilda Bezerra da Silva; Rosemira Eugênio Bezerra; Rosileide da Silva Santos; Rubiana Monteiro de Freitas; Sebastiana Jesuína Barbosa; Sebastiana Quitéria de Almeida; Sebastiana Faria Cavalcante; Severina Maria Pereira; Severina Marreca da Conceição; Simone Aparecida Rodrigues; Simone Duarte Freitas; Sphacson A. da Silva; Vera Lúcia de Medeiros (Vera de Lala) e Wena Feitosa do Nascimento.

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola

Pontos e histórias: Renda Renascença e Mulheres Rendeiras / Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, Agência Espanhola de Cooperação Internacional. – Salvador, Bahia : IICA, 2017.

128 p; 23 x 20 cm

ISBN: 978-92-9248-680-8

1. Inovação 2. Desenvolvimento rural 3. Patrimônio cultural 4. Participação da mulher 5. Artesanato 6. Brasil 7. Papel da mulher 8. Pequena empresa 1. IICA 11. AECID III. Título

AGRI	DEWEY
E80	305.42

Rua da Graça, 150/164, Graça - Salvador, Bahia, Brasil
CEP: 40.150-055 programa.semear@iica.int
www.portalsemear.org.br

Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2017.



Pontos e histórias: Almanaque da renda renascença e das mulheres rendeiras do IICA está publicado sob licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>)
Baseada numa obra em www.iica.int

O IICA promove o uso adequado deste material. Solicita-se que seja citado apropriadamente, quando for o caso.

Esta publicação também está disponível em formato eletrônico (PDF) na página institucional: <http://www.iica.int>



Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para a elaboração desta publicação, especialmente às rendeiras (e alguns rendeiros) do Semiárido paraibano e agreste pernambucano que, generosamente, compartilharam seus saberes e vêm fazendo da Renda Renascença Nordestina uma tradição brasileira.

Nossos agradecimentos também às organizações que atuam com dedicação junto às mulheres rendeiras e que colaboraram conosco em diferentes ações voltadas para o fortalecimento da Renascença e de suas artesãs, incluindo a elaboração desta publicação.

Como usar esta publicação?

A publicação está organizada em capítulos e seções. Você pode começar e terminar a leitura por onde quiser. Ou seja, não precisa ler um conteúdo após o outro.

Cada capítulo traz uma roda de conversa, com um assunto diferente. As seções ganham forma de jogos, informações históricas, curiosidades, histórias de vida e segredos revelados pelas rendeiras.

Conheça as seções:

Roda de Conversa: é o tema central do capítulo. Cada capítulo tem sua roda de conversa, com informações trazidas pelas rendeiras.

Segredos de Rendeira: dicas de como fazer uma Renda Renascença bem feita.

Você sabia: informações gerais sobre a Renda Renascença.

História de Rendeira: um pouco da vida de algumas mulheres rendeiras que são importantes na história da Renda Renascença no Semiárido nordestino.

Como numa peça de renda, juntando várias partes e por meio de muitos caminhos é possível ler e se divertir.

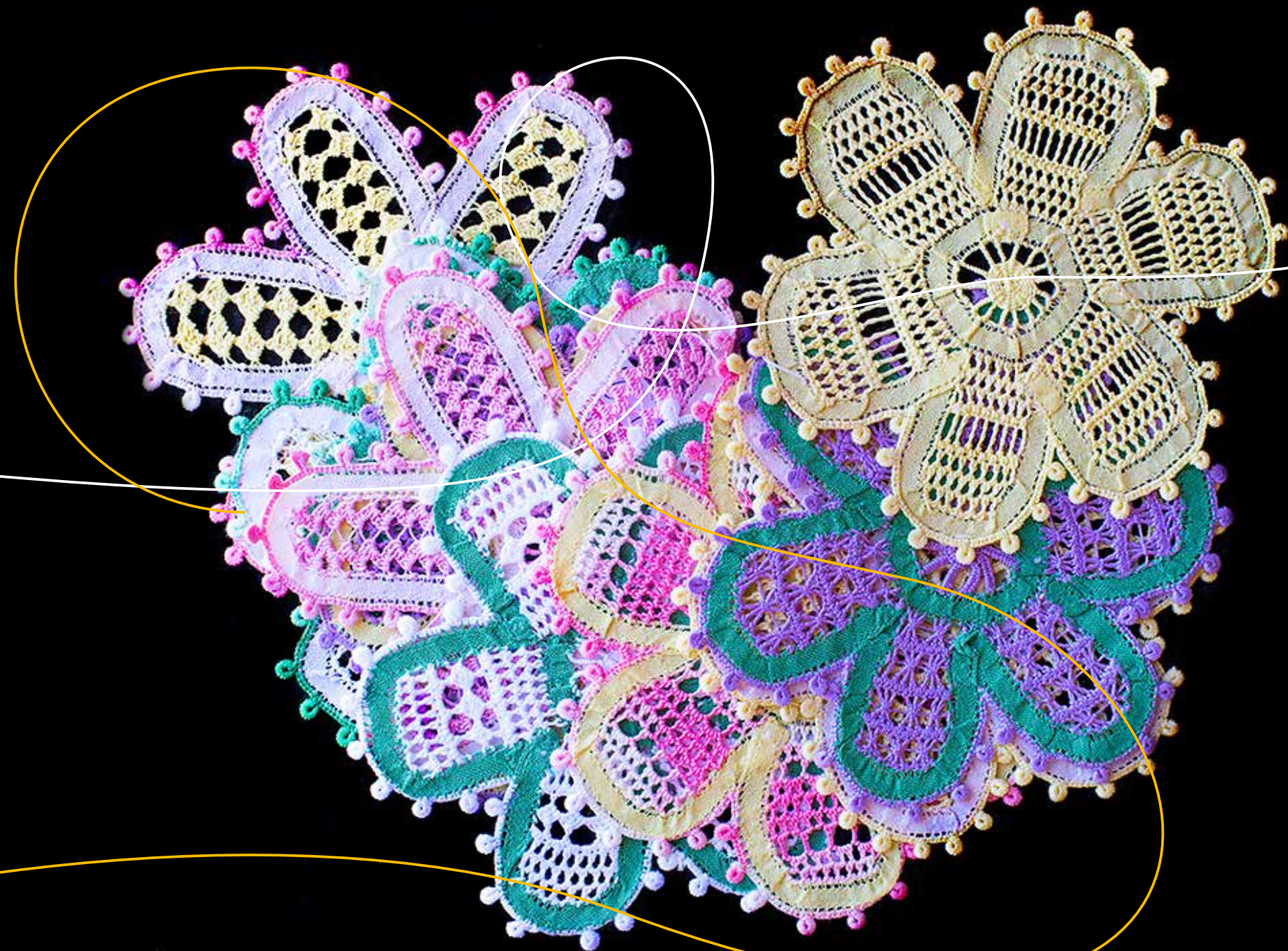
Os divertimentos, por exemplo, podem ser feitos a qualquer momento, por uma pessoa só ou acompanhada, assim você aprende e se distrai ao mesmo tempo. Vamos dar algumas dicas para tornar essa tecelagem mais fácil. Veja abaixo!

Sabedoria de Rendeira: frases e palavras de rendeiras sobre seu ofício.

Divertimento: jogos para se divertir e aprender, com desafios como labirinto, palavras-cruzadas e o que é, o que é?

Nossa Língua é Linda: significado de algumas palavras sobre a Renascença que aparecem nesta publicação.

Infográfico: são gráficos informativos que apresentam a partir de recursos visuais informações trazidas pelas rendeiras



Cada ponto, uma conversa

Pipoca

28

A história da
Renascença no
Brasil

Amor Seguro

54

Ensinamentos
de rendeira

Aranha Tecida

80

Aranhas tecem,
rendeiras também

Ilhós

108

A força delicada do
trabalho em grupo

*Dois
Amarrados*

16

O que é
a Renda
Renascença?

Vassoura

42

Os pontos da
Renascença

Abacaxi

68

O Semiárido
é o lugar da
Renascença

Rechiliê

92

A mulher rendeira
e a renda que a
Renascença dá

Traça

16

Tecendo
o amanhã

Para começo de conversa

Mãos delicadas e precisas, olhos abundantes do belo, como flor de mandacaru, que brota e embeleza o sertão, as rendeiras são mulheres que tecem a vida dos lugares onde moram. Com linha e agulha, fazem renda e história no Semiárido nordestino. Seu saber-fazer constitui-se em importante patrimônio cultural e potencialidade econômica. Suas histórias revelam a força e o conhecimento daquelas que fazem do ofício da renda a sua forma de estar no mundo.

Como bichos de seda ou aranhas silenciosas, transformam dificuldades em arte e fios de algodão em belas rendas que compõem vestidos, toalhas, brincos e muitas outras peças.

As rendeiras tecelãs são as protagonistas da Renascença. Para se produzir uma peça, muitas pessoas são envolvidas: estilista, lavadeira, passadeira, desenhista, mas essas fases só são possíveis porque existem as tecelãs que passam de uma para outra o conhecimento dessa arte. As peças de renda não existem sem elas, por mais que sejam adornadas ou finamente costuradas

por famosos estilistas. São as tecelãs que fazem a renda ser tão desejada no Brasil e no mundo.

Há quase um século, muitas mulheres têm se dedicado ao ofício da Renascença no Agreste pernambucano e no Cariri paraibano. Uma tradição que resiste e atravessa gerações. Mas grande parte das rendeiras já é idosa e se preocupa com o futuro da Renascença. Para elas, muitos jovens não valorizam o ofício, porque não o reconhecem como uma possibilidade de geração de renda. Porém, para além da sua importância histórica e cultural, a Renascença tem também um alto valor de revenda e é bastante disputada para a compra por diversos setores, inclusive o da alta-costura.

Foi com objetivo de valorizar e preservar a Renascença como patrimônio cultural do Semiárido que o [Programa Semear](#), implementado pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), em parceria com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação

Internacional para o Desenvolvimento (AECID), apoiou, por meio de parcerias com organizações locais, um trabalho de fortalecimento das mulheres rendeiras nos estados da Paraíba e de Pernambuco.

Nesse processo, foram promovidas oficinas, visitas de intercâmbio e feiras de conhecimentos sobre o tema. Ficou claro o desejo das rendeiras de registrar seu ofício, seus saberes e principalmente suas histórias, para elas mesmas e para as novas gerações.

Esta publicação nasce, assim, desse diálogo e busca contribuir para fortalecer e disseminar a Renascença, registrando os conhecimentos, as aprendizagens e as histórias dessas mulheres que transformam vidas no sertão. Foi feito com as rendeiras e para elas, mas também para todos que desejam conhecer um pouco mais dessa história que vem sendo tecida com linha, lacê e muita resistência no Nordeste do Brasil.

Boa leitura! Boa tecelagem!

O Semear é um programa de gestão do conhecimento em zonas semiáridas do Nordeste do Brasil, cujo objetivo é facilitar o acesso a saberes, inovações e boas práticas que possam ser adotados e replicados pelas populações rurais para melhorar suas condições de vida e promover o desenvolvimento sustentável e equitativo da região.

Para saber mais:
www.portalsemear.org.br

Uma publicação tecida a muitas mãos

Para fazer esta publicação nos inspiramos nos antigos almanaques. Quer saber por quê?

Um almanaque traz informações e notícias, ao mesmo tempo em que conta histórias e diverte. É o meio do caminho entre o livro e a revista. Sem começo nem fim, nos convida a uma leitura livre e interativa, na qual tecemos o nosso próprio caminho, a partir do que nos interessa conhecer e aprender.

Cada página tem novos elementos. As histórias podem ser contadas como em uma conversa, por várias pessoas e também por meio de imagens, jogos, curiosidades e brincadeiras. Por isso, é uma boa forma de falar da Renascença e de suas rendeiras. Uma história tecida a muitas mãos, cheia de conhecimentos, aprendizagens e personagens.

Neste Almanaque, todos os conteúdos são sobre a **Renascença** e suas artesãs: seu saber-fazer, suas memórias, os contextos onde produzem e vivem nos estados da Paraíba e de Pernambuco, suas aprendizagens e desafios. Aqui, a história é contada a partir do olhar das rendeiras.

Aqui a Renda Renascença será chamada apenas de Renascença, pois é assim que é conhecida pelas rendeiras.

A maior parte dos conteúdos foi construída nas conversas e entrevistas com essas mulheres. Outras poucas informações foram pesquisadas em livros e textos já existentes sobre a renda.

Em oficinas realizadas na Paraíba e em Pernambuco, as artesãs participantes discutiram como, com quem, onde e quais informações sobre

"Eu sou apaixonada, sabe o que é uma pessoa apaixonada?! Eu sou aviciada pela Renascença. Se eu for dormir, tenho que dar uns pontinhos no meu serviço, tenho que trabalhar, nem que seja um pouquinho. Sou apaixonada, me sinto até mal quando ouço alguém falando mal da Renascença..."

Maria das Graças Sidrônio, a Maria de Odon, Poção, Pernambuco.

a Renascença deveriam estar na publicação. Nestes encontros, as rendeiras falaram sobre o processo de produção da renda, tipos de peças e pontos produzidos, lugares representativos e sobre algumas artesãs importantes para a história da Renascença no Semiárido nordestino. O grupo sugeriu, assim, quem deveria ser entrevistado, os lugares a serem visitados e os pontos a serem registrados.

Ao todo, 48 rendeiras e quatro rendeiros foram entrevistados. E, de cidade em cidade, de prosa em prosa, de "causo" em "causo", eles abriram as portas de suas casas e os seus corações, compartilhando as histórias de quem faz Renascença pelo sertão adentro.

você sabia?

O **almanaque** foi inventado numa época em que não havia muitas publicações populares. Ele era voltado para as pessoas que moravam no campo. Trazia muitas informações sobre o tempo, a mudança das estações, a chegada do frio ou do calor, o período de chuvas. Eram conteúdos fundamentais para saber o momento de semear e colher. Os almanaques traziam um misto de informações úteis, fatos curiosos, jogos e propaganda. À medida que as revistas foram aparecendo, eles foram sumindo. As revistas são os almanaques modernos.

Onde achamos? No Almanaque Ruth Rocha.



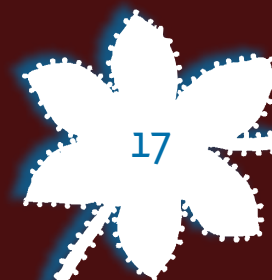
dois amarrados

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*"Seria o Dois Amarrados porque é
quem gera toda a Renascença e Dois
Amarrados foi quem nos amarrou.
Nós somos amarrados um ao outro"*

Carmelita Anunciada da Silva, São Sebastião do
Umbuzeiro, Paraíba.



O QUE É A RENASCENÇA?

A Renascença é um artesanato feito com linha, agulha e lacê. O lacê é uma fita fina com furos pequenos nas laterais. É ele que sustenta a trama tecida com os pontos e forma um bordado delicado. Os pontos são feitos com o entrelaçar de fios, sobre um desenho de papel. Para apoiar, as rendeiras usam uma almofada de tecido. Esse entrelaçar não é simples. **Tecer uma Renascença** exige paciência, concentração e talento.

Foi na Europa, provavelmente na Itália, entre 1400 e 1600, que a Renascença nasceu. As freiras produziam a

renda nos conventos. A história mais conhecida sobre sua chegada ao Brasil é a de ela que foi trazida por freiras francesas no período da colonização.

Na década de 1930, o ofício chegou ao agreste pernambucano e, no final da década de 1950, ao Cariri, na Paraíba. Na Europa, a renda era muito usada para enfeitar roupas masculinas. No Brasil, era utilizada nas roupas dos padres e na decoração de altares. Quando passou a ser usada fora das igrejas, a **Renascença** era vista como símbolo de riqueza.

Saiba mais sobre o trabalho das rendeiras em "Aranhas tecem, rendeiras também" na página 82

Para as rendeiras, definir Renascença é contar as suas histórias, dizer como é ser mulher rendeira. Saiba mais sobre o que é a Renascença para as rendeiras nas seções "Histórias de Rendeira" espalhadas ao longo deste Almanaque.

"A Renascença são dois braços abraçando tanto o lado humano quanto a arte."

Maria de Lourdes Souza de Oliveira, a Lurdinha, São João do Tigre, Paraíba.



história de rendeira



Maria do Socorro Lopes é de São João do Tigre, Paraíba, e tem 64 anos. Estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, sabe ler e escrever. Aos nove anos, foi trabalhar como babá na casa de uma família. Aprendeu a fazer renda vendo outras mulheres tecerem. Foi com os pedaços de pano que as rendeiras usavam para substituir o lacê, que ela teceu suas primeiras peças. “Pegava com a colega que era costureira. Ia na casa dela e pegava aquelas tiras de auréola, que era o final do tecido”, lembra. Da renda, faz quase tudo, só não sabe criar, nem desenhar, mas sabe tirar o risco por cima. Para ela, os cursos e oficinas ajudaram muito as mulheres a saberem melhor como colocar preço nas peças da Renascença. “Ficamos por dentro de como fazer para tirar o valor. Antes, a gente vendia a granel, por qualquer preço”, diz.

Maria das Neves Vasconcelos Ferreira

a Niva, como é mais conhecida, tem 85 anos e teve cinco filhos. É de Poção, Pernambuco. Estudou Renascença na primeira turma da Escola de **Lala**. Tinha uns dezoito anos quando começou a aprender renda. Naquela época, morava em um sítio na zona rural e era seu irmão quem a levava para as aulas na sede do município. Niva estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, pois precisava cuidar dos 11 irmãos. Diz que já fez de tudo um pouco: tinha um comércio, vendia carvão, mas foi com a renda que conseguiu comprar e reformar a casa onde vive até hoje. O único tempo que tinha para se dedicar à renda era à noite, depois de cuidar da casa e dos filhos. “Trabalhei muito e hoje tenho o pão certo. Foi a renda que me deu um teto para morar”, conta.

A rendeira Elza Medeiros, conhecida como Lala foi uma das mulheres que trouxe a renda para o Semiárido. Saiba mais sobre Lala na página 34



divertimento

Existem vários tipos de renda no Nordeste brasileiro. Você sabe a diferença entre elas? Que tal tentar ligar o nome ao tipo de renda? Experimente!

1 Nhanduti ou Tenerife

--- (a) renda de linha e agulha com pontos feitos com lacê sobre um desenho em papel apoiado em uma almofada de tecido.

2 Inglesa

--- (b) é um tipo de renda feita com ajuda de bilros, que são instrumentos de madeira. A renda é tecida a partir do movimento de cruzamento dos fios presos de um lado numa almofada e do outro, nos bilros.

3 Renascença

4 Filê

--- (c) renda feita a partir de uma rede (malha) com espaçamento pequeno, que serve de suporte e utiliza agulha de madeira e molde de bambu e telas (bastidores) de madeira.

5 Irlandesa

6 Bilro

--- (d) renda feita em pequeno tear circular de madeira com linha e agulha grossa, por meio de fios em formato de sol.

Veja o que é em "Nossa Língua é Linda", na página 26

7 Frivolité

--- (e) renda feita nas mãos, usando linha e agulha, ou um pequeno navete.

--- (f) renda que tem a mesma feitura que a Renascença, mas utiliza rolotê no lugar do lacê.

--- (g) outro nome dado para a Renascença em alguns estados do Brasil, como a Bahia.

Veja o que é em "Nossa Língua é Linda", na página 26

Depois que terminar, confira as respostas na página 114.

segredo de rendeira

"Uma boa renda, além de uma boa linha, tem que ter um bom desenho com o lacê acabando sem muito corte. Coloca uma folhinha no meio para evitar o corte. Quando é bem feita, você não vê falha, não vê nem um ponto. Parece até que é colado"

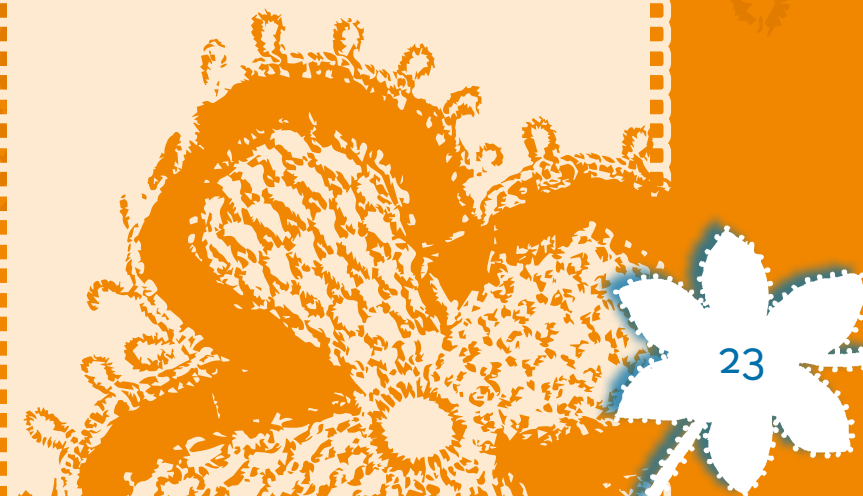
Maria de Celso, Poção, Pernambuco.



você sabia?

O **Renascimento** foi um movimento artístico e cultural que aconteceu mais fortemente na Europa entre os séculos XIV e XVI e que questionava os valores e tradições medievais. Modificou as artes, a filosofia e a ciência. Marcou o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Acredita-se que a Renda Renascença surgiu no século XVI, na Itália.

Onde achamos? No livro Renda Renascença – uma memória de ofício paraibana, de Christus Nóbrega.



Palavras cruzadas

Responda as perguntas e coloque as respostas nas linhas com o número correspondente.

- Nome da rendeira que espalhou o ofício da Renascença em Pernambuco
- Município de Pernambuco considerado berço da Renascença
- Ponto com que se inicia qualquer peça de renda
- Cor mais difícil de tecer
- Cor mais tradicional da Renascença
- Complete: para tecer Renascença é preciso _____ e linha
- Peça de Renascença que se costura em blusas
- Ponto com nome de santo
- Nome dado para a almofada onde se tece

Depois que terminar, confira as respostas na página 126.

história de rendeira

Maria Alves da Costa, mais conhecida como Maria de Domingos, é de Poção, Pernambuco e tem 88 anos. Teve seis filhos. Nunca foi à escola. Começou a trabalhar muito pequena na roça e seguiu até os 80 anos. Foi com Josefa Farias da Costa, a Zefa, que aprendeu a Renascença. Casou com Domingos aos 20 anos. Trabalhava no roçado, na Renascença e cuidava da casa. Lembra que tinha pouco sono porque era acostumada a “virar a noite”. Foi com a renda que arrumou dinheiro para comprar um pedaço de terra e construir sua casa. Não parava de tecer por nada, nem mesmo pelas dores do parto: “peguei um serviço em Pesqueira e tinha pouco tempo para entregar. Foi no mesmo mês que eu ia dar a luz. Passei a noite todinha sentindo dor, fazia o serviço em pé, quando a dor vinha eu danava a mão na barriga. Quando passava a dor, ia pra Renascença. O dia foi amanhecendo, acabei de descosturar e ainda dei um arremate. Acordei Domingos e disse a ele que já tava pra dar a luz e sofri a noite todinha fazendo Renascença”, lembra Maria.





O que é o que é...

Tem manga, mas não é blusa. Tem fogo, mas não é fogueira. Na noite sem luz, sem ele, ninguém tecia.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Navete – é uma peça que pode ser de madeira ou de plástico com duas aberturas por onde passa a linha.

Rolotê - é um tipo de viés parecido com um cordão grosso e achatado.

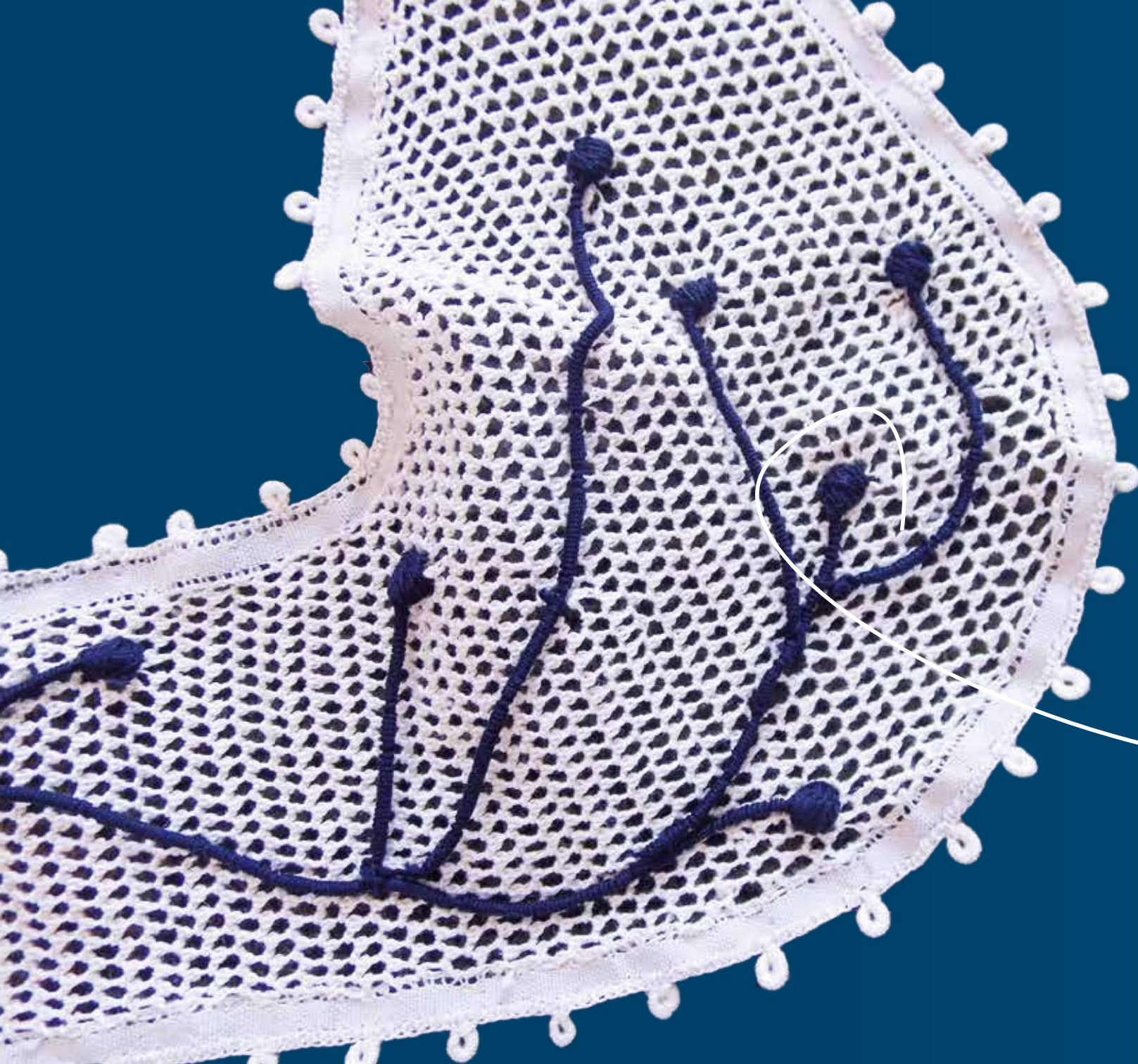
Saiba mais sobre as formas de trabalho das rendeiras em “As mulheres rendeiras e a renda que a Renascença dá”, na página 94.

Depois que terminar, confira as respostas na página 124.

história de rendeira

Maria de Lourdes Souza de Oliveira tem 62 anos. É mais conhecida como Lurdinha. Nasceu em Paulo Afonso, Bahia, e foi para São João do Tigre, Paraíba, aos três anos. Aprendeu Renascença muito menina com a madrinha e as vizinhas. Aos 11, já fazia renda e ajudava nos serviços de casa. Muitas vezes, foi a pé levar as encomendas para o município vizinho, Poção, na Paraíba. Ajudou a fundar a Casa da Renda em São João do Tigre. Depois, com mais 22 rendeiras, fundou a Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João do Tigre (Coopetigre). Participa de muitas oficinas. Lurdinha é mestra da renda: faz de tudo, desde criar o desenho até o acabamento. Gosta das inovações da Renascença, mas diz que é preciso manter a tradição para garantir a qualidade das peças. Conta que uma vez fez uma passadeira “bem bonita e grande” e o cliente não pagou porque não acreditou que ela tinha usado a quantidade de linha que cobrou. Depois disso, deixou de **trabalhar por novelo**. Lurdinha ama o que faz: “você sentar e fazer aquela renda e dizer eu estou fazendo, sei passar para alguém. Eu comprei isso e aquilo de casa e foi com esse dinheiro, com essa renda, eu ajudei meu filho a se formar. É um prazer muito grande. Sou mulher rendeira que é mulher com autonomia. Sou eu que faço. Se não fosse rendeira, se tivesse tido condições de ter estudado, tinha sido escritora. Foi a renda que aliviou a vida de muito sofrimento que tive”. Lembra que uma vez vendeu na feira de Jataúba uma barra de toalha que tinha feito. Com o dinheiro, comprou tecido para fazer a roupa da festa de São João dos filhos, na época com sete e oito anos.





ponto

pipoca

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*“Não tinha um ponto que gostasse
mais. Gostava de criar, vinha um
ponto e já fazia outro. Antigamente
fazia mais Pipoca, Torre, Sianinha”*

Maria das Neves Vasconcelos Ferreira, a Niva,
Poção, Pernambuco.



“Hoje, a Renascença é bem melhor, antes era feita de poucas formas. Depois foram criando outros pontos e desenhos.”

Maria Lima Duarte, a Maria de Celso, Poção, Pernambuco.

A HISTÓRIA DA RENASCENÇA NO BRASIL

Nas mãos das mulheres do Semiárido nordestino, a Renascença foi ganhando características da cultura brasileira. O uso das cores foi uma delas. Enquanto a renda na Europa era tecida apenas em branco, a Renascença brasileira foi ficando com cores vivas e desenhos cheios de criatividade.

Aos poucos, a Renascença saiu dos conventos e igrejas e passou a ser usada na decoração da casa, em toalhas de mesa e de bandeja. Depois, virou roupa feminina. E, hoje, se encontra a Renascença em muitos tipos de peças, como brincos, colares, cintos, bolsas, capas de celular, de agenda, de bíblias etc.

Não é no livro, nem na universidade que se aprende a tecer renda. É na palavra, nos traços e pontos da mulher rendeira que está o saber. É tecendo e conversando que elas aprendem e ensinam renda às comadres, primas, vizinhas, às suas filhas e a alguns filhos também. Seja dentro de casa, seja em espaços da comunidade, é nas rodas de conversa que a Renascença se mantém viva. Hoje em dia, com as tecnologias, essas conversas ganham o mundo através das redes sociais. Algumas rendeiras usam a internet para divulgar seus trabalhos e ampliar as encomendas.



história de rendeira

Vera Lúcia de Medeiros tem 57 anos e é de Poção, Pernambuco. Começou a tecer ainda criança. Conta que teve uma vida bem difícil: na infância trabalhava “botando água de ganho” – levava latas d’água para vender – o que a deixava muito cansada. Sua roupa era com remendo e costurada. Ficou feliz quando sua avó fez um vestido de saco de farinha de trigo alvejado. Sempre quis ter uma boneca e, como não podia, usava a criatividade para brincar. Conta que foi com [“Tia Lala”](#) que aprendeu a Renascença. Depois que aprendeu no viés a fazer todos os pontos, ganhou uma peça de lacê e com um novelo de linha fez seu primeiro serviço vendido em Recife. Começou a receber muitos pedidos de paninhos de bandeja. “Fui fazendo, fazendo, de lá até hoje. O que eu sou e o que eu não deixo de ser, agradeço primeiramente a Deus e depois a minha tia Lala”, diz Vera Lúcia.



Veja mais sobre
[“Tia Lala”](#) na página 34.



Maria Pastora e Lala: tecendo saberes

As rendeiras contam que duas mulheres foram muito importantes para divulgar o saber-fazer da Renascença Nordeste. Uma foi Maria Pastora, que trabalhava no Convento de Santa Tereza em Olinda, Pernambuco, onde aprendeu o ofício com as freiras. A outra foi Lala, como era conhecida Elza Medeiros, que ensinou a Renascença às mulheres de Poção, também em Pernambuco.

Maria Pastora foi à Poção visitar seus pais e levou uma encomenda de Renascença para fazer. Trancou-se em um quarto para que ninguém a visse trabalhando, guardando aquilo como um grande segredo. As freiras não queriam que a arte de tecer Renascença saísse dos conventos. Para não chamar atenção, Maria Pastora trabalhava só com a iluminação que vinha do telhado. Quando percebeu que não teria tempo para terminar o serviço, chamou Lala para ensinar a fazer a renda, mas disse a ela: “não conte para ninguém”.

Outra versão da história trazida pelas rendeiras é a de que Lala aprendeu o ofício escondido de Maria Pastora. Conta-se que com a ajuda de uma escada,

Lala ficava olhando de cima a rendeira tecer no seu quarto, sem que ela notasse que estava sendo observada. Quando Maria Pastora se deu por conta, Lala já sabia fazer renda.

Muitos acham que Lala deu vida à cidade. Ela percebeu que a Renascença era uma fonte de renda muito boa e ensinou a muita gente. No início, ela mesma recebia as encomendas e distribuía o trabalho com outras rendeiras, que eram também suas alunas. Dizem que Lala era muito exigente com a qualidade da renda para que fosse bem feita.

Com o tempo, o ofício da Renascença se espalhou por Poção. Foi também para a zona rural onde quase todas as mulheres e meninas – e alguns homens – ainda fazem renda. Aos poucos, se espalhou também para outras cidades de Pernambuco, Paraíba e de outros estados do Nordeste. Algumas mulheres saíam de suas cidades em busca de uma rendeira mestra. E ainda tinham outras que, ao irem visitar parentes, acabavam encontrando uma rendeira pelo caminho, aprendiam o ofício e não paravam mais de tecer.



você sabia?

Lala, ao fazer o ofício da Renascença se espalhar, ajudou a popularizar a renda e a arte de tecer.

ANTES DELA, a Renascença era:

- um segredo das freiras e de poucas mulheres escolhidas que só podiam tecer dentro dos conventos;
- uma arte que só podia ser comprada por gente rica;
- um ofício só de mulheres.

DEPOIS DELA:

- a renda passou a ser feita por qualquer mulher que queira aprender e em vários lugares, mas principalmente nas casas e ruas onde as rendeiras moram;
- existe renda de vários preços, o que faz com que muitos consigam comprar e não somente “gente rica”;
- além das mulheres, também existem homens rendeiros.



divertimento

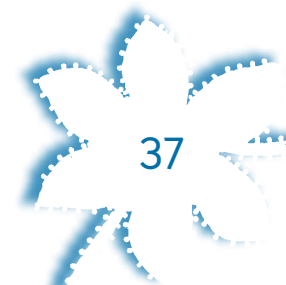
A P D G T S B B P O O G
S S E W V Ã N J O H L M
D T R Ã C O N G O E X G
Q K P G L - L X R R I R
Y J L F A S H F F P T D
P E S Q U E I R A I H G
E C J S X B O I O O S B
A R O T J A T A Ú B Ã T
V M E O C S I D Y R O E
A X U Ç C T I G S T - F
A H T Ç P I I J J T J M
G D C A M A L A Ú G O K
H X E O L O A G D F Ã O
E T E F J - N R A L O L
D J Ç M I D B O V M - I
O B P R P O Ç Ã O M D O
U M R H N - D T A C O O
J H P E I U Z P L C - A
A C G U V M C H T E T S
O J O Z A B E L E B I C
Ç G E U B U F J K L G Z
Ç F E J H Z B N G F R A
Ã A D Z R E R L F E E E
Ú Q S A D I P Ç P T P E
Y T V H L R T Q W S C M
R U N B M O N T E I R O

Caça-palavras

Procure as palavras da lista no quadro de letras. Risque na lista cada palavra que encontrar:

- CAMALAU
- SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO
- POÇÃO
- ZABELÊ
- SÃO JOÃO DO TIGRE
- MONTEIRO
- JATAÚBA
- PESQUEIRA

Depois que
terminar, confira as
respostas na página 126.



segredo de rendeiro

“Para fazer o ponto Pipoca bem feito, a gente dá uma volta do ponto e depois cobre a volta no mesmo cantinho umas seis vezes. Quando acaba, laça, bota a agulha, puxa a linha, aí arrocha e a Pipoca vai ficar bem redondinha”

João Elias Espíndola, Poção, Pernambuco.

Veja mais
em “Nossa Língua é
Linda”, na página 39.



NOSSA LÍNGUA É LINDA

Arrochar o ponto - Arrochar é o mesmo que apertar. Quando as rendeiras falam em arrochar o ponto, querem dizer que estão puxando a linha de um jeito que o ponto fique bem apertado.

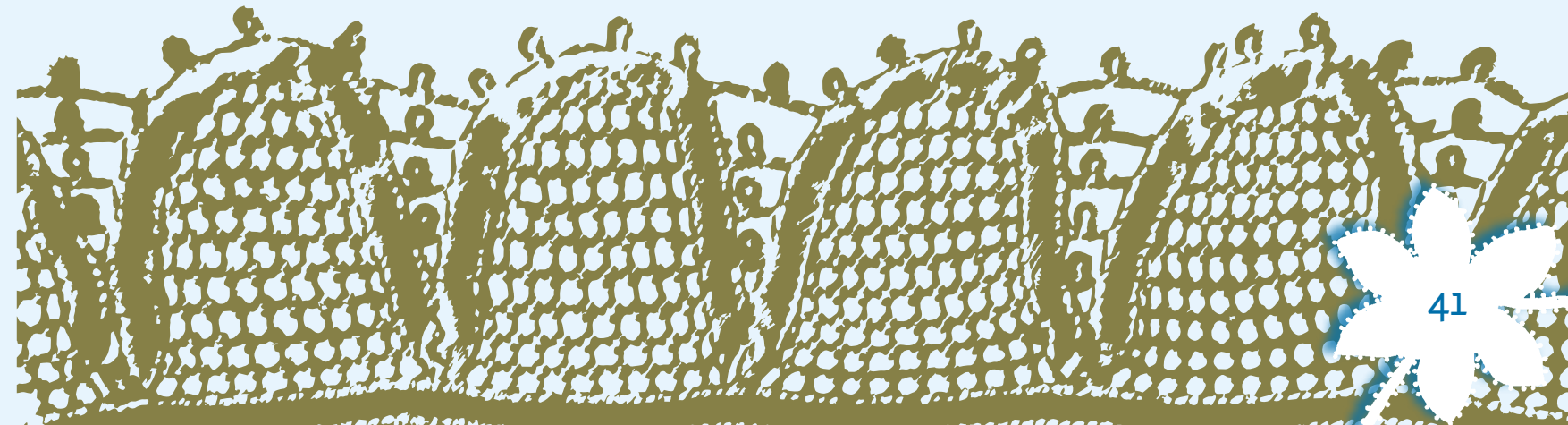
história de rendeira

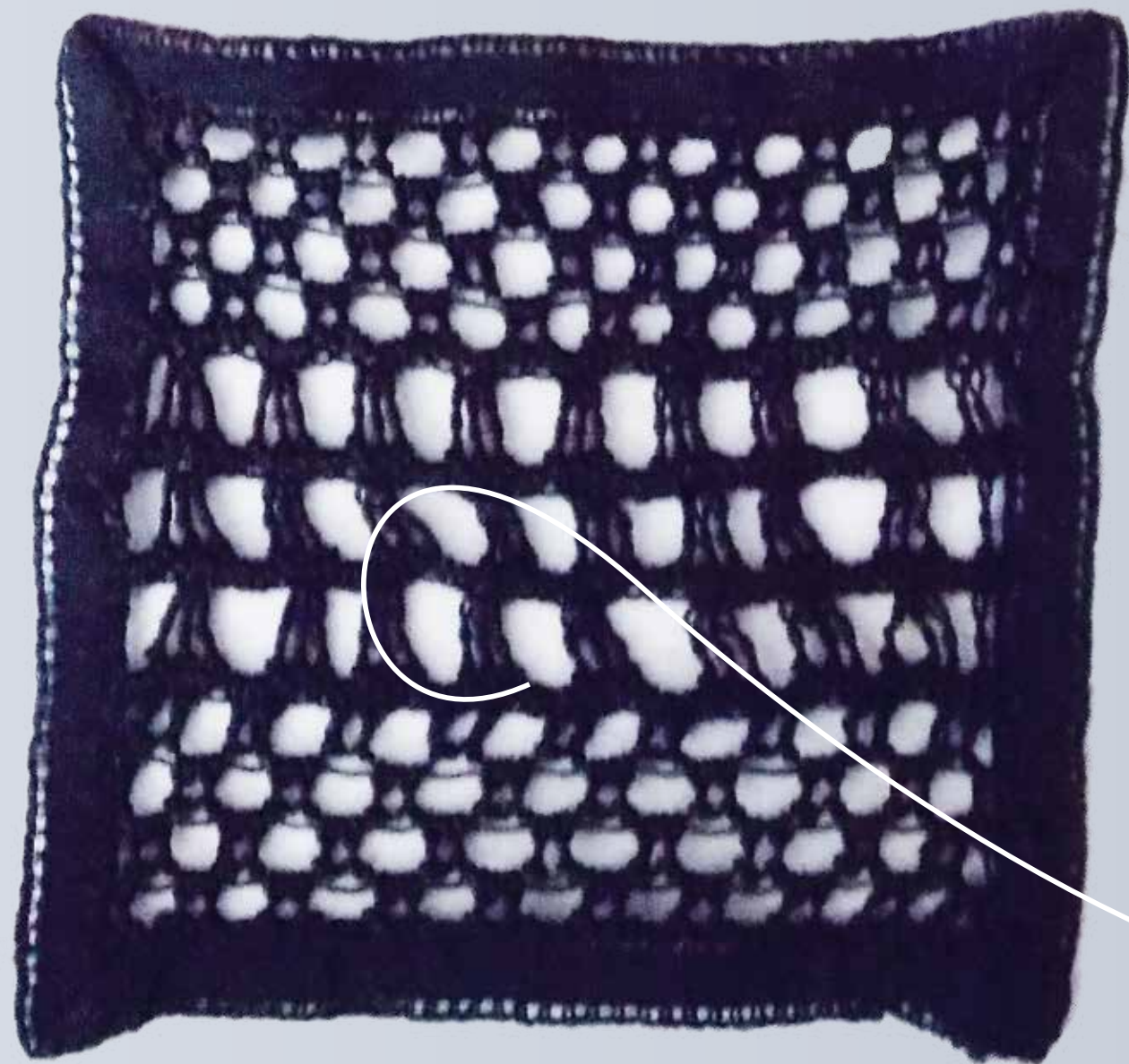
Judite Bispo de Oliveira tem 77 anos e mora em Cacimbinha, São João do Tigre, Paraíba. Aprendeu a Renascença aos 12 anos, com uma prima: “tirava desenho, alinhavava, tecia, arrancava e vendia”. Ensinou a muitas mulheres de Cacimbinha e de Pesqueira. Chegou a levar um ano para fazer uma toalha. Trabalhava na roça e na renda. Acredita que as coisas melhoraram para as mulheres: “hoje em dia está muito mais fácil pra mulher do que no meu tempo, porque tem outras coisas pra mulher fazer. Antes, era roça e Renascença e só”.

Veja mais em
“Nossa Língua é Linda”,
na página 50.



Maria Natividade de Freitas Duarte tem 72 anos. É de São João do Tigre, Paraíba. Aprendeu Renascença aos sete. Teve sete irmãos. Perdeu a mãe quando tinha cinco anos. Quando o pai ficou viúvo, o avô e outros parentes foram morar em sua casa. Ao todo, eram 18 pessoas. Natividade ajudava nos cuidados com a casa. Aos 17 anos conseguiu um emprego como professora, mas nunca deixou a renda porque “o ganho era muito pouco, menos de meio salário mínimo”. Conta que antigamente fazia os pontos Pipoca, Passagem, Dois Amarrados e Rechiliê com Malha, pois naquele tempo não se fazia Rechiliê sem malha. Diz que ama a Renascença, pois conseguiu tudo o que tem com ela. Ensinou muitas mulheres a tecer. Sabe fazer todas as etapas e até cria desenhos, mas não gosta muito: “o que gosto mesmo é trabalhar na renda, tecer, gosto também de alinhavar”. Para Natividade, “a luta das rendeiras parece com a luta da renda, é correria com a casa e correria com a renda”.





vassoura

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*"Seria a Vassoura e a Sianinha,
porque a Vassoura tem uma trança
que é parecida com a Sianinha.
A Sianinha vai trançando como a
Vassoura, assim como trançam todos
os laços da vida com a Renascença"*

Maria Aparecida Silva Souza, Zabelê, Paraíba.

você sabia

Os nomes dos pontos podem mudar a depender do lugar. Às vezes eles têm o mesmo nome, mas com algumas variações ou uso combinado com outros pontos. Por exemplo, Abacaxi de 2, Abacaxi de 3, Sianinha de Laço, entre outros.

OS PONTOS DA RENASCENÇA

Vassoura, Torre, Nervura, Aranha, Lua. Muitos são os pontos que tecem a trama da Renascença e a vidas das mulheres rendeiras no Nordeste do Brasil. Eles dão beleza e firmeza à renda. Alguns ganham nomes de formas inspiradas na natureza, como o Pôr do Sol. Outros, em objetos do dia a dia das rendeiras, como o Cestinha e o Fundo de Balaio. Tem até ponto com nome de sentimento, como o Amor Seguro.

Impossível saber exatamente quantos pontos existem. É a criatividade das rendeiras que dá vida a novos pontos. Tem rendeira que sabe fazer até 70 pontos diferentes. Alguns são mais tradicionais e feitos pela maioria delas, como o Dois Amarrados. É o primeiro a ser aprendido e o que inicia a maioria

das peças. Outros tradicionais são Rechiliê, São Paulo, Sianinha e Pipoca. Alguns como Traça e Abacaxi são muito utilizados também.

Quem escolhe os pontos que serão utilizados na peça é a desenhista ou quem vai tecer. Não tem uma regra para definir quais usar. Podem, por exemplo, ser os preferidos da rendeira ou do cliente. Às vezes, a depender do prazo que têm para entregar a encomenda, algumas rendeiras usam pontos grandes e folgados para fazerem mais peças em menos tempo. Mas nem todas gostam de tecer assim. Para algumas, a Renascença tradicional se faz com pontos pequenos e firmes, mesmo que a tecelagem demore mais.

"Quando faço Renascença sinto que eu estou evoluindo. Faço porque gosto. É uma arte e quando termino uma arte, gosto de ver o que fiz"

Josefa Pereira Neves, São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba.



história de rendeira

Sebastiana Jesuína Barbosa é de Zabelê, na Paraíba. Tem 66 anos. Mãe de quatro filhos, estudou até a primeira série do Ensino Fundamental. “Mesmo sem ter vontade”, conta. Começou a fazer renda aos dez anos. Ficava observando a mãe tecer na sala, pegava escondido os fiapos de pano e ia para o quarto tecer. A mãe brigava com ela, porque tinha medo que ela estragasse a linha. “Eu era curiosa, toda vida gostei de ser curiosa, ainda hoje sou. Pegava as tiras de pano, cortava, dobrava bem dobradinho, alinhavava no papel e fazia os desenhos”, recorda. Sua mãe pagou uma vizinha para ensinar a Renascença para ela e a irmã mais velha. Antes de trabalhar na Renascença, Sebastiana colhia algodão na roça. Mas, foi com a renda que se encontrou. Faz de tudo: desde desenho, até o arremate final e a lavagem. É uma pessoa muito ativa na comunidade. Faz parte da Associação da Cultura de Zabelê, da Associação de Rendeiras de Zabelê da Paz e participa do Reisado. Juntamente com outras rendeiras da associação, já viajou para São Paulo e levou a Renascença para lá. Até hoje, aos 66 anos, trabalha muito. Faz renda em casa e também lidera um grupo de rendeiras. Acredita que a renda hoje tem mais condições de ser vendida do que antigamente, porque “pode vender em todo canto”.

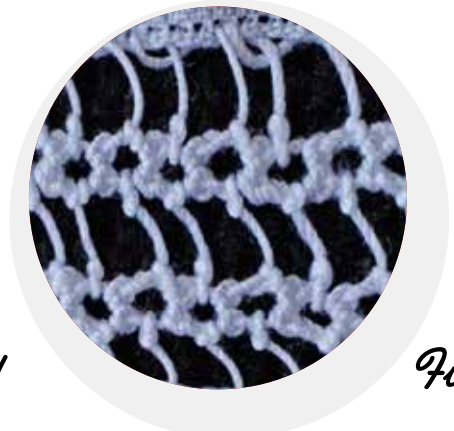


mosaico de pontos

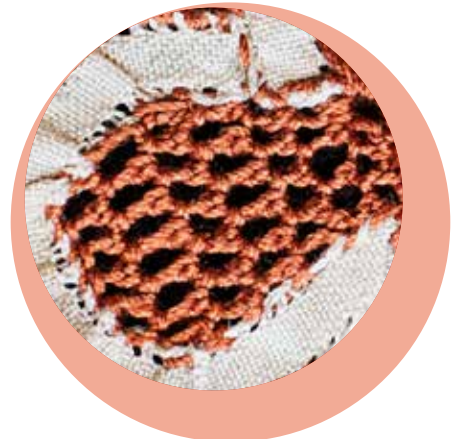
Abacaxi



Corrente



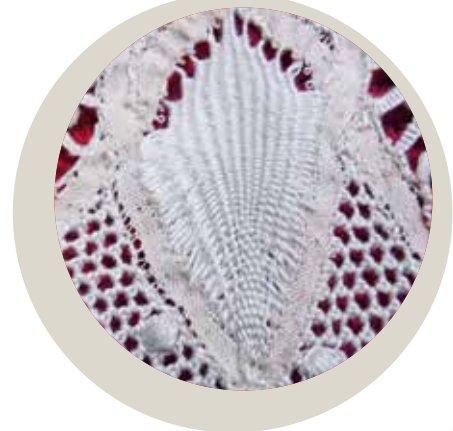
Dois amarrados



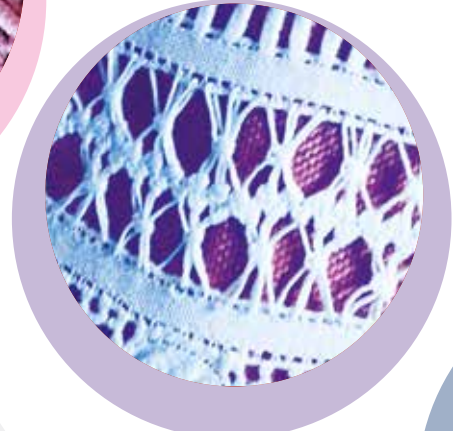
Nervura



Traça



Sianinha



Ilhós



*Aranha tecida /
aranha torcida*



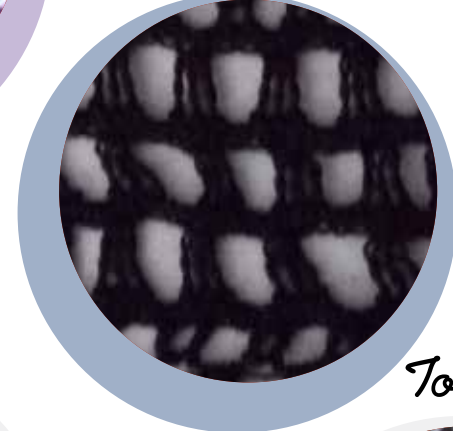
Fundo de balaios



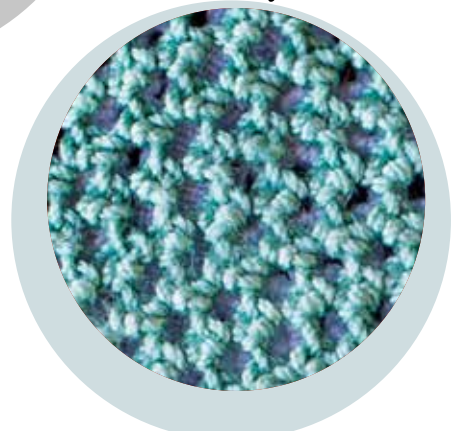
Pipoca



*Vassoura /
vassourinha*



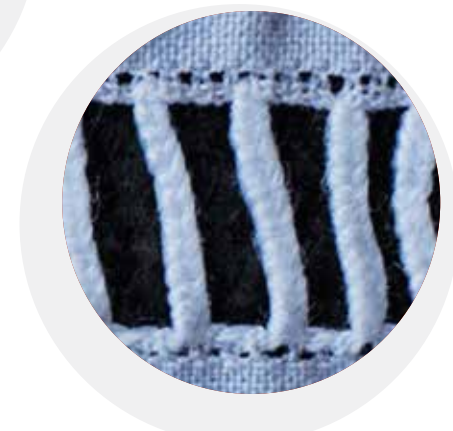
*Crivo /
amor seguro*



Mosca



Rechiliê / Malha



Caramujo



Torre



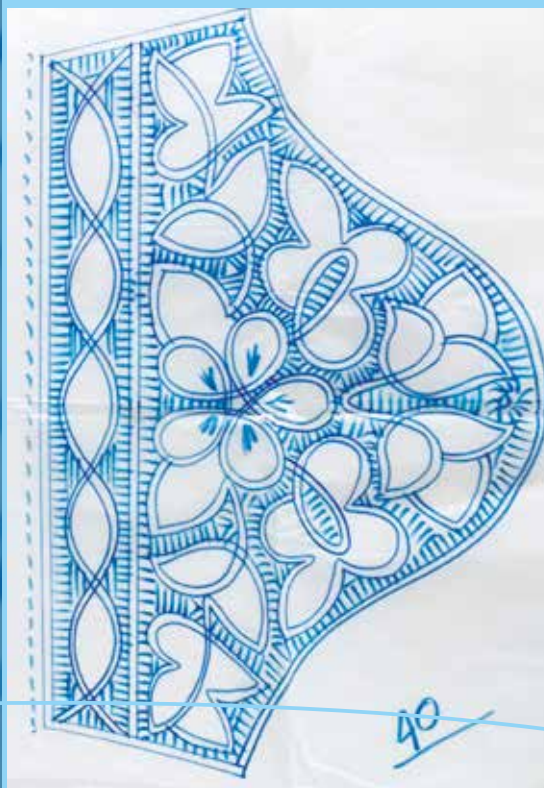
segredo de rendeira

“Na minha época, pra fazer a Renascença, botava uma bacia d’água do lado e uma pedrinha com a barra de sabão. A gente trabalhava com candeiro ou lampião, aí amanhecia com a ‘venta’ toda preta, com a fumaça no olho. Hoje, não tem mais isso, é só lavar a mão”

Vera Lúcia de Medeiros, Poção, Pernambuco.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Tirar desenho - é fazer o desenho no molde de papel, que vai indicar quais os pontos a serem tecidos.

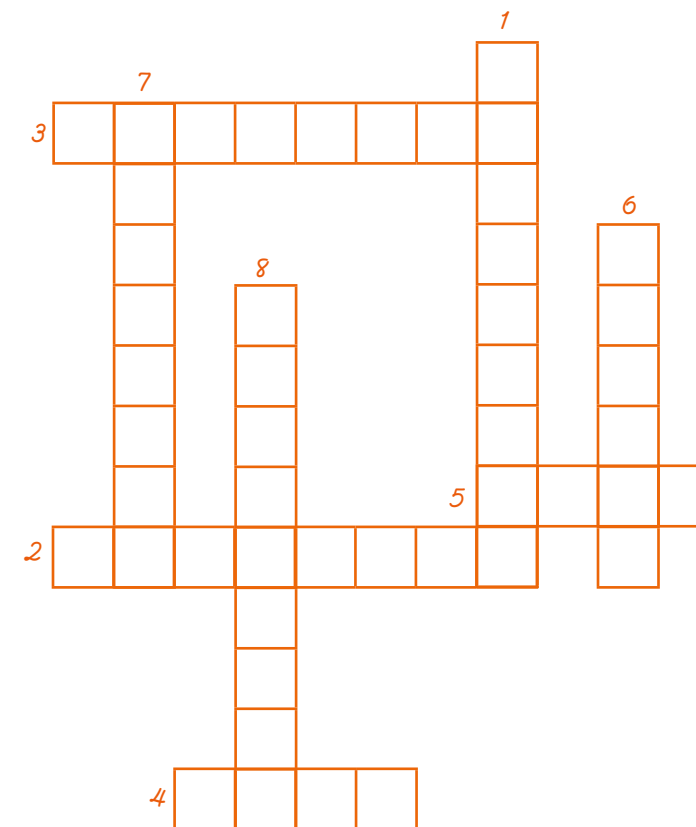


divertimento

Caça-palavras

Responda as perguntas e coloque as respostas nas linhas que têm o número correspondente.

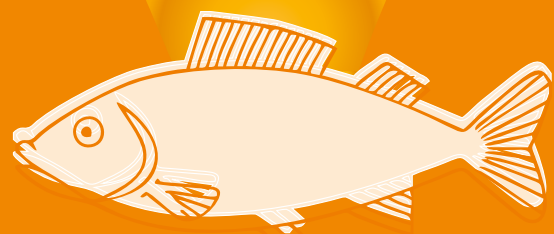
1. Objeto que iluminava o tecer quando ainda não havia energia elétrica.
2. Árvore que era usada para a higiene pessoal.
3. Tipo de vegetação do Semiárido.
4. Animal muito criado no sertão.
5. Lugar onde se planta feijão e milho.
6. Lugar onde vive o sertanejo.
7. Planta encontrada em locais secos e que contém água dentro.
8. Árvore que tem fruto verde e flor pequena branca e que é muito resistente à seca.



Depois que
terminar, confira as
respostas na página 127.

O que é o que é...

Tem coroa, mas não é rei. Tem escamas, mas não é peixe.



Veja a resposta
na página 126.

segredo de rendeira

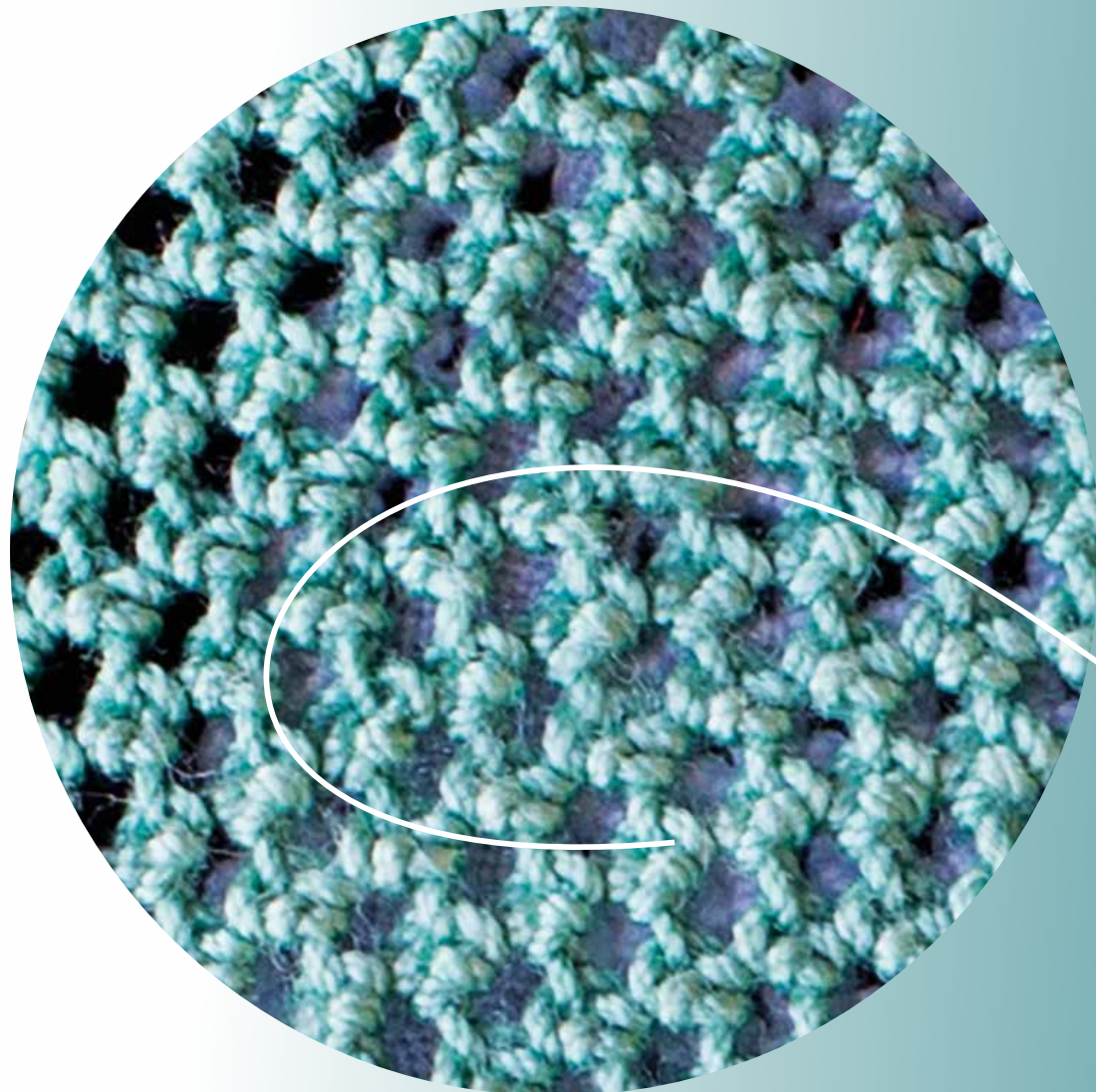
“A fervura é a técnica de ferver a peça para lavar. Deixa ela branquinha e limpa bem mais rápido. É só botar para ferver com sabão em pó e alvejante. Antes, tira a sujeira toda, depois bota para alvejar na fervura. Antigamente tinha que deixar um ou dois dias de molho e mesmo assim não ficava alvinha. Com essa técnica, às vezes no mesmo dia já dá pra engomar e fica excelente”

Iracema Maria de Jesus, Poção, Pernambuco.

história de rendeira

Maria de Socorro Duarte tem 76 anos. Nasceu na comunidade quilombola Ingá em São João do Tigre, na Paraíba. Aprendeu renda aos 12 anos, em Poção, Pernambuco. Uma rendeira comprava farinha na mão do pai de Maria e disse a ele para mandar a menina à sua casa. Ela foi a cavalo. Ficou quinze dias aprendendo a tecer, mas, sentia muita saudade de casa e pediu para voltar. Quando começou a fazer renda, o novelo de linha era bem barato. “Pra fazer ia juntando, trabalhando, trabalhando e até que casei com 16 anos”, conta. Ensinou o ofício para muitas mulheres. Aos 40 anos, começou a trabalhar por conta própria, com mais 25 rendeiras. Vendia em Poção. Fazia peças grandes. Para fazer uma toalha de mais de quatro metros levava dois meses tecendo. Conta que o marido não gostava muito que ela trabalhasse com renda, mas depois ele passou a ajudar a tirar o alinhavo. A renda, conta Maria, ajudou a melhorar muita coisa na vida dela e da família.





amor seguro

sabedoria
de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

“Queria ser Amor Seguro porque é a base de muitos outros pontos. A forma que você muda ele, parece ser outro ponto. O Amor Seguro se transforma e parece com minha vida, pois eu tento transformar as coisas usando o que eu tenho”

Iracema Maria de Jesus, Poção, Pernambuco.



ENSINAMENTOS DE RENDEIRA

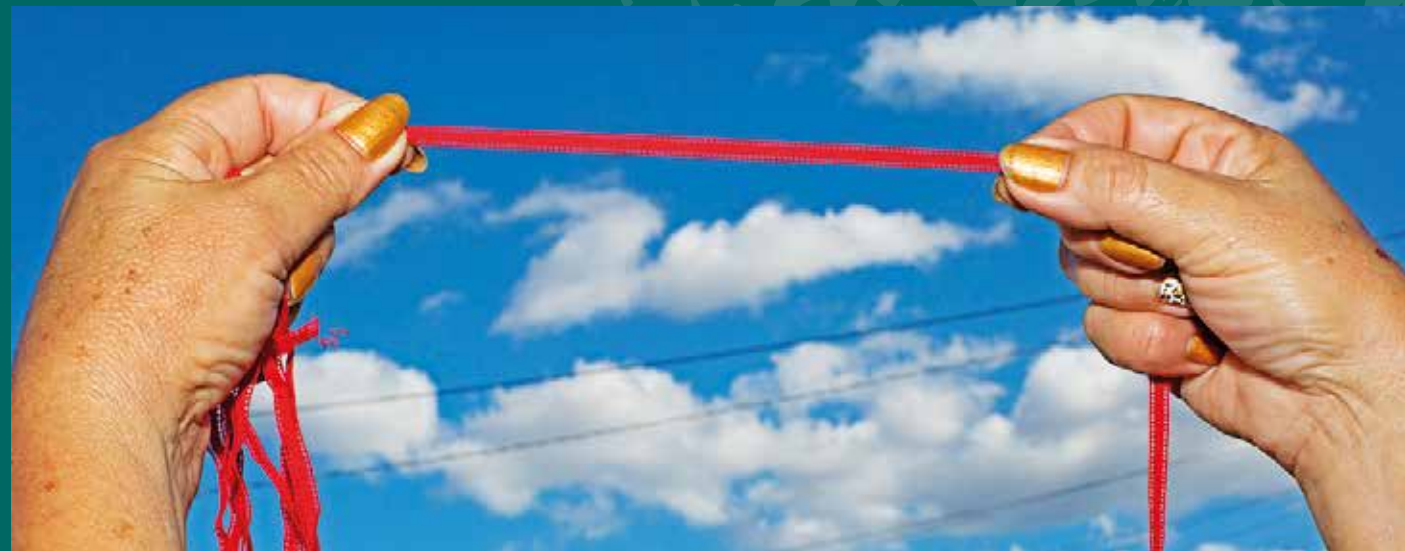
A Renascença tem uma beleza delicada. Quem não a conhece, não imagina que ela é feita ponto a ponto, apenas com linha, agulha e o apoio do lacê. Por isso, uma peça pode demorar muito tempo para ficar pronta. Às vezes meses, a depender do tamanho, do desenho, da cor da linha e dos pontos escolhidos.

As rendeiras explicam que não existe apenas um jeito de fazer Renascença. Uma peça nunca vai ficar exatamente igual à outra. É observando, experimentando, errando e criando que elas aprendem a tecer.

A partir da prática, as rendeiras ensinam o que são as três etapas de produção de uma peça de Renascença: criação, execução e finalização. A criação é o momento de decidir qual peça vai ser feita: toalha, saia, brinco etc; qual o tema que ela terá: formas geométricas, desenhos da natureza. Escolhidos a peça e o tema, é hora de fazer o desenho do molde, indicando os pontos a serem tecidos, ou deixando o espaço livre para que a tecelã decida. A execução é o momento de rendar, ou seja, tecer os pontos. E a finalização, o momento do acabamento das peças. Quando necessário, as partes são costuradas. A peça também é lavada e engomada.

*“Ser mulher rendeira
é um orgulho. Acho
gratificante, é minha arte,
é o que eu sei fazer”*

Maria do Socorro Barbosa
Germano, Poção, Pernambuco.



história de rendeira

Maria Lima Duarte, mais conhecida como Maria de Celso, tem 79 anos. Nasceu em Camalaú, Paraíba. Aos 17 anos casou e foi morar em Poção, Pernambuco. Conta que seu marido, Celso, a conheceu ainda bebê. Ele tinha ido a um casamento e ficou brincando com uma bebê de três meses. Somente 14 anos depois, Celso reencontrou a menininha que era Maria. Quando ele tinha 31 e ela 17 anos, casaram-se. Bem antes disso, Maria já sabia fazer renda. Começou desenhando. Com 15 anos já sabia tecer os pontos. Trabalhava com as irmãs. Sabe fazer de tudo: desde o desenho até o alinhavo. Mas, ficou conhecida pelo seu talento de desenhista. Também passou a comprar e a vender as peças em outras cidades e estados. Vender sempre foi o maior desafio. Ela diz que o material é caro e é difícil achar um preço que seja bom para o cliente e justo para a rendeira. O que melhorou bastante, segundo Maria, é que agora a Renascença tem muito mais possibilidades de pontos, desenhos, além de linhas de melhor qualidade. Além de rendeira, Maria também participou politicamente de sua cidade. Foi vice-prefeita uma vez e três vezes eleita vereadora.

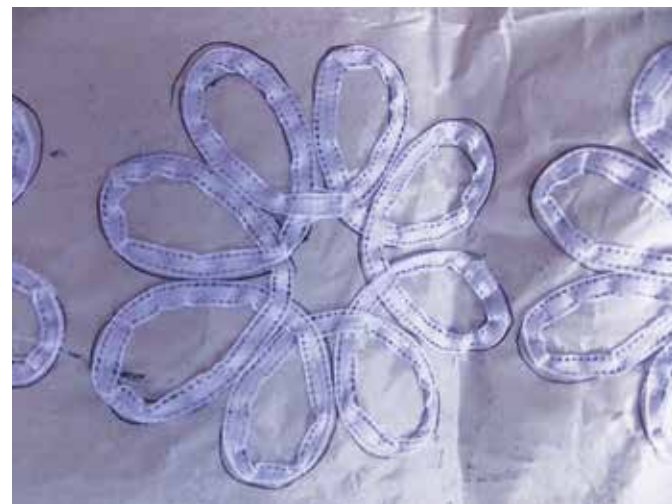


Maria de Fátima de Oliveira Brandão, mais conhecida por Helena, é Xucuru, da Aldeia Pé de Serra, em Pesqueira, Pernambuco. Mãe de 20 filhos. Tem 60 anos. Tinha 15 quando começou a tecer. Aprendeu com uma rendeira que ensinou Renascença a meninas e mulheres Xucuru. “A renda veio para a melhora da mulher. Antes, as mulheres não tinham como fazer pra ganhar um dinheirinho”, recorda. Sempre conciliou a renda com a agricultura. Conta que teve que trabalhar muito: “tecia noite e dia para dar de comer aos meus filhos. Eu dormia muito pouco, trabalhava noites inteiras”. Ela vendia na feira de Poção e também em Pesqueira, por encomenda. Quando “a renda foi ficando fraca”, passou na seleção para Agente de Saúde Comunitária. Voltou a estudar e, aos 50 anos, concluiu o Ensino Médio, mesmo se achando “muito matuta e cheia de vergonha”. E nunca parou de tecer. “Quando chego em casa, ainda trabalho na renda, tiro risco, faço de tudo. Também vou pro roçado e planto um leirão de coentro”, diz.





O desenho feito no papel mostra o caminho do lacê e os espaços que devem ser preenchidos pelos pontos, que podem ser os que já existem ou criados pelas próprias rendeiras.



você sabia?

O risco da peça é o roteiro da Renascença. Por meio dele, o desenho pensado pela artesã é colocado no papel. Não são todas as rendeiras que têm a habilidade de riscar. Para isso, é necessário ter precisão no traço para que o caminho do lacê ganhe formas bonitas. **É o risco que desenha o caminho.**



Ensinaamentos de rendeira

Para fazer Renascença, é preciso antes de tudo estar com os ouvidos e olhos bem atentos. Ativar a sensibilidade e o respeito por esse saber tradicional também é fundamental. Neste desenho, as rendeiras ensinam alguns passos importantes para quem deseja aprender o ofício.

1. Separe os instrumentos e materiais abaixo:

INSTRUMENTOS

- caneta esferográfica ou hidrográfica
- agulha de costura
- tesoura
- dedal
- ferro de passar roupa
- almofada coberta em tecido, com enchimento de retalhos de tecido ou palha. A almofada forma um cilindro com tamanho variado.

2. Desenhe, no papel, o molde da peça ou das suas partes. O risco pode ser copiado de outro molde que tenha sido liberado para isso ou criado de acordo com a criatividade da artesã.

3. Prenda as folhas desenhadas com alfinetes para evitar que o desenho se mova.

4. Espalhe cola no verso do desenho e cole-o no tecido de algodão.

MATERIAIS

- papel manteiga
- linha de costura em diversas cores
- lacê (fitilho, fita fina de algodão com furinhos nas laterais, em diversas cores)
- cola
- tecido de algodão ou linho

5. Alinhave o lacê (fita fina) no papel com agulha e linha, acompanhando o contorno do risco com o cuidado de esconder as pontas do lacê para que as emendas não sejam vistas. O alinhavo não deve ser preso ao tecido, pois depois será retirado quando a peça ou parte da peça terminar de ser tecida.

6. Enrole no rolo o tecido que será trabalhado para que o bordado fique firme.

7. Coloque o rolo no colo para iniciar a tecer. À medida que for terminando um pedaço, vire o rolo para fazer um novo pedaço. Quando terminar, continue girando até terminar a peça ou a parte da peça.

8. Faça o bordado tecendo os pontos conforme a orientação do desenho no molde, até completar a peça ou a parte da peça.

9. Solte a peça ou parte da peça pronta do papel manteiga, primeiro cortando os fios do alinhavo que estavam segurando os lacês, depois soltando a peça ou parte dela, cuidadosamente.

10. Caso a peça não tenha sido tecida inteira, costure as partes da peça tecidas para formar a peça como um todo.

11. Lave a peça.

12. Engome a peça para que ela ganhe firmeza.

13. Passe a peça.

segredo de rendeira

*“Se você quiser a Sianinha grossa,
tem que botar duas ou três vezes de
um lado só e do outro lado igual”*

Maria Aparecida Silva Souza, Zabelê, Paraíba.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Botar – verbo muito usado pelas rendeiras como sinônimo para colocar ou por. Usam em expressões como: botar a linha; botar a peça para lavar, entre outras.

você sabia?

Antigamente, as peças não eram lavadas nem engomadas pelas rendeiras. Por isso, as mãos das artesãs precisavam ficar sempre limpas. Deixavam ao seu lado uma bacia com água e sabão e iam lavando as mãos durante o processo. Principalmente quando as mulheres trabalhavam à noite, por causa da fumaça do candeeiro ou lampião - usados para iluminar o ambiente de trabalho - que faziam muita sujeira. Outra coisa curiosa é que, antes, o desenho era feito diretamente em um papel grosso. Muitas vezes, as rendeiras passavam um pano para tirar o pó das embalagens de cimento e reaproveitavam o papel para usar de molde.

divertimento

Jogo dos 7 erros

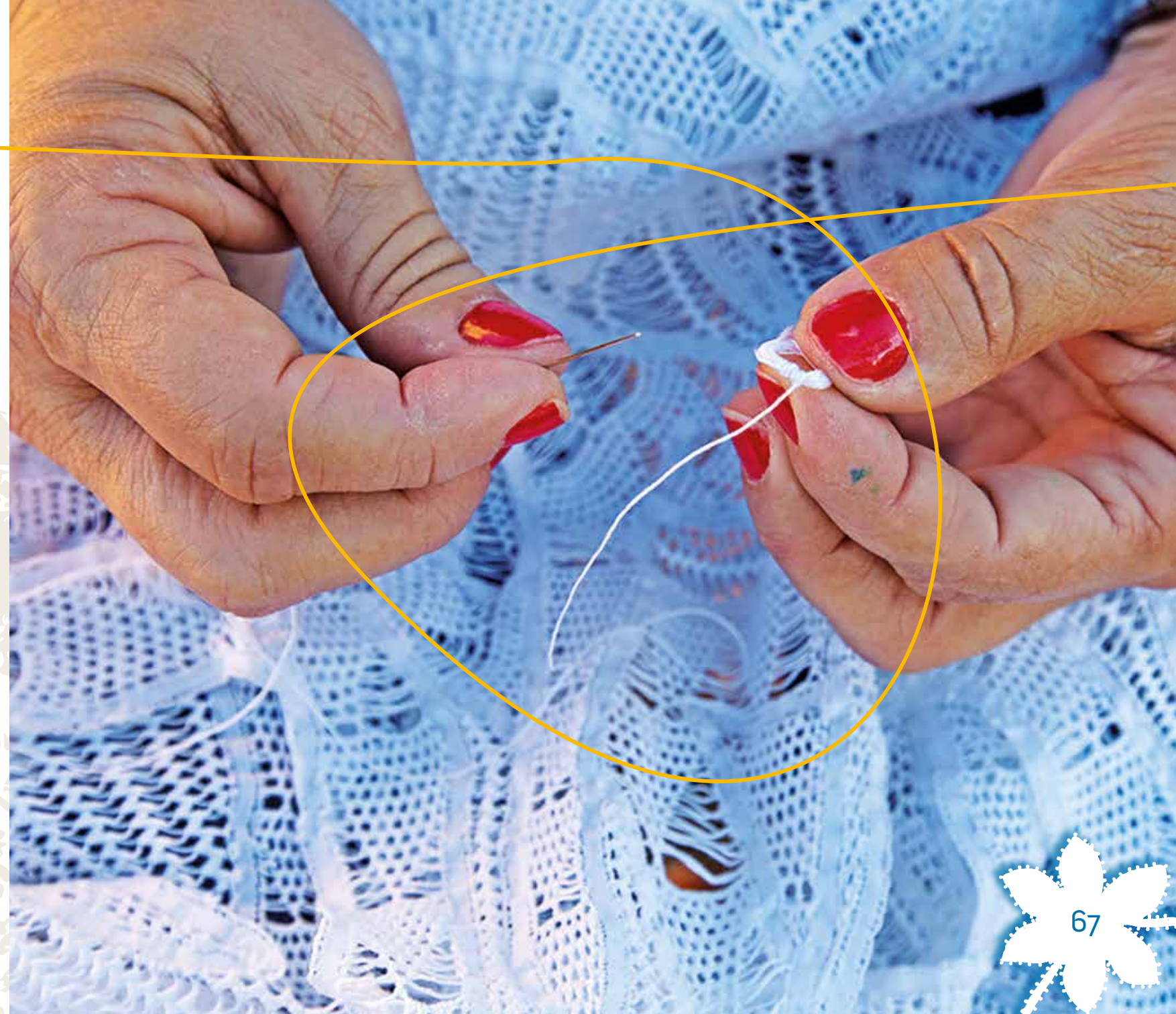
Compare as as imagens e descubra as sete diferenças entre elas.

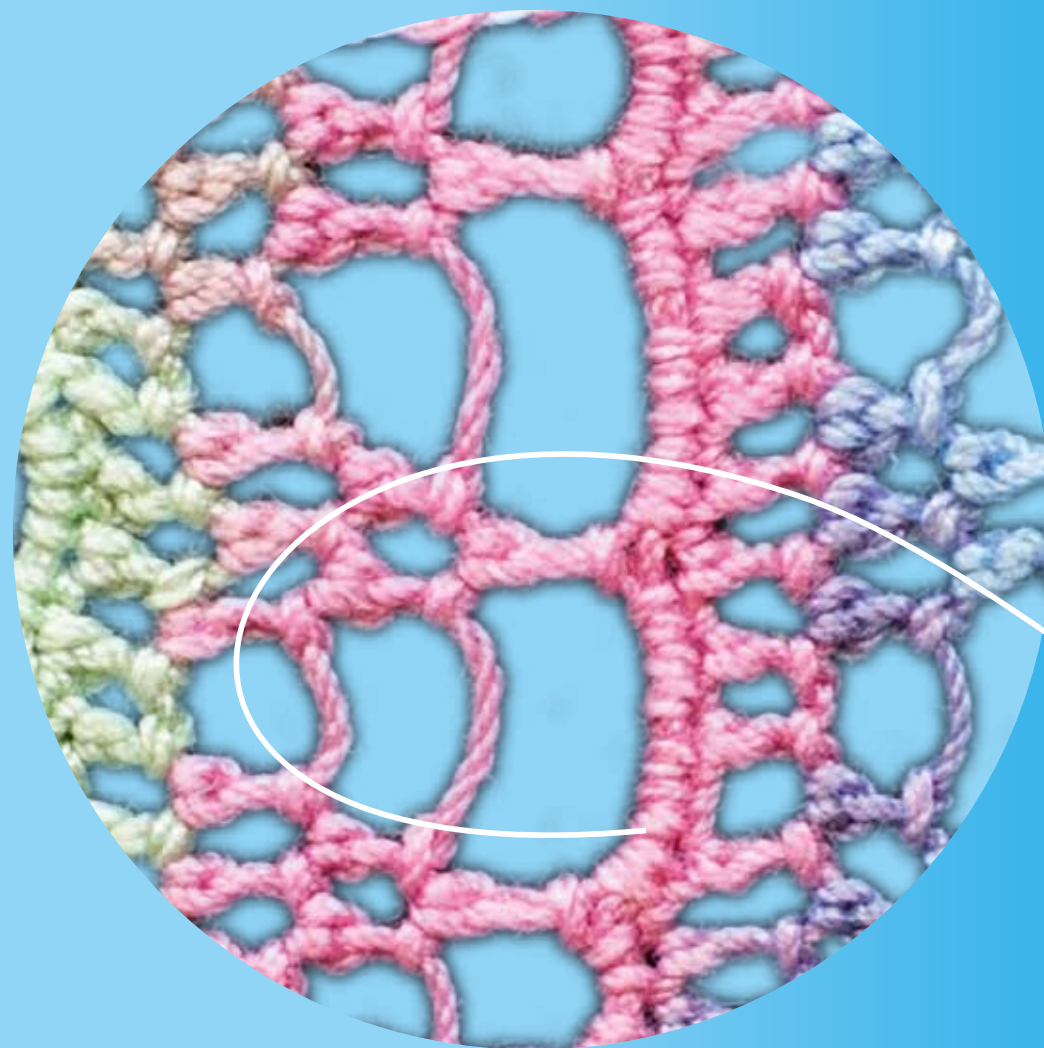


Depois que
terminar, confira as
respostas na página 127.

história de rendeira

Iracema Maria de Jesus é de Poção, Pernambuco. Tem 47 anos. Aprendeu renda aos sete com a mãe e as irmãs. Estudou até o magistério, passou em concurso para professora e chegou a trabalhar, mas desistiu para se dedicar à renda. Diz que para fazer Renascença tem que ter muita paciência, dedicação, colocar amor no que faz e nunca trabalhar sozinha. Sabe fazer todas as etapas. Gosta de usar a variedade dos pontos e de criar. É no silêncio da noite que produz mais. “Coloco o papel em branco, vou preenchendo, pensando. Se não der certo de primeira, apago, vou tendo ideias até ficar bem diferente”, explica. Para Iracema, uma coisa boa de a renda ter virado moda é que passou a ser usada também nas roupas: “quando coloca o vestido, a mulher vai se apresentando bem vestida e todo mudo vê, mas o pano de bandeja não”. Acha muito bom que cada vez mais pessoas da cidade aprendam a renda, tanto homens quanto mulheres. “Os homens em geral fazem a parte de engomar. É muita mão de obra e cada um ganha um pouquinho”, diz. Acredita que o maior desafio da Renascença é a concorrência desigual com a fábrica: “apesar de Poção ser uma cidade histórica, de onde a renda brota, o maior sempre está na frente, a fábrica está aí, os menores estão sempre lá atrás”.





abacaxi

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*“Seria Abacaxi, porque mexe com
muitas coisas. Está fazendo um
Abacaxi, tá misturando tudo,
e eu misturo muitos pontos,
tô fazendo um Abacaxi”*

Iolanda Cabral, a Nana, Aldeia Xucuru,
Pesqueira, Pernambuco.



O SEMIÁRIDO É O LUGAR DA RENASCENÇA BRASILEIRA

Tudo começou em Poção, Pernambuco. De lá, a renda foi ganhando o Semiárido. Hoje, onze municípios são reconhecidos como os maiores produtores de Renascença no Brasil. São eles:

Poção, Pesqueira e Jataúba, em Pernambuco; São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê, Camalaú, Monteiro, Prata, Congo e Sumé, na Paraíba.

Nesses municípios, a Renascença une os moradores e interfere nas dinâmicas locais. É lá que “a Renascença brota”, como dizem as rendeiras. Mas elas acreditam que seria importante um reconhecimento maior da região, por meio de políticas públicas de valorização da renda e do trabalho das artesãs. Desejam, dessa forma, participar ativamente das decisões sobre o uso e a priorização dos recursos, já que são elas que vivem a Renascença e conhecem bem as dificuldades que enfrentam para se dedicar a este ofício.



“Vou pro roçado, planto feijão, um leirão de coentro. A gente come limpinho quando a gente planta. Quando chego, ainda trabalho na renda, tiro o risco”.

Maria de Fátima de Oliveira Brandão, a Helena, Aldeia Pé de Serra, Pesqueira, Pernambuco.

Confira no mapa os municípios que fazem parte da região que se destaca como maior produtora de Renascença no Brasil. E veja também algumas curiosidades relacionadas aos nomes dessas localidades!

PERNAMBUCO

Poção - poço muito grande

Pesqueira – poço onde se pescava

Jataúba - árvore de Jatobá



PARAÍBA

São João do Tigre – onça-pintada e São João;

Camalaú - tribo dos Caibus, que tinha como chefe o guerreiro de nome Camalaú;

Zabelê - pássaro que aparecia em grande quantidade para se alimentar de insetos e frutinhas que caíam das árvores juazeiro no mês de maio;

São Sebastião do Umbuzeiro – árvore de umbuzeiro na nascente do Rio Paraíba nos Cariris Velhos, onde os tropeiros que saíam de Pernambuco para a Paraíba aproveitavam a sua sombra para descansar e se encontrar;

Prata - fonte de águas límpidas (Poço de Água de Prata);

Sumé – índios Sucuru do povo Cariri, em tupi, “personagem misterioso que pratica o bem e ensina a cultivar a terra”;

Monteiro – Nossa Senhora das Dores ou Lagoa do Periperi;

Congo – Capela e casebre construídos por um preto velho, conhecido por “Congo”, escravo de origem congloesa.

história de rendeira

Maria Lúcia da Paz Ermínio é mais conhecida como Liu. É de Monteiro, na Paraíba. Tem 65 anos e teve quatro filhos: três mulheres e um homem. Sempre fez muitas coisas para conseguir o sustento da família. Trabalhou por 26 anos como Agente de Saúde Comunitária e criava ovelha. Fazia Renascença à noite, no horário de almoço e quando soltava os animais. Nessa hora, sentava numa sombra para tecer. E continua tecendo até hoje. “Sempre preciso fazer um pontinho. Ontem passei o dia todo tecendo. Ô tranquilidade!”, diz. Também trabalhou com bordado, trançado para fazer chapéu, esteira, vassoura de palha e artesanato com garrafas plásticas. A Renascença é um aprendizado de infância. Com oito anos, aprendeu a tecer com ajuda da prima Marisa. Foi a primeira do Assentamento Santa Catarina a aprender a Renascença e ensinou a muitas outras meninas, inclusive suas duas filhas, que trabalham com ela. Foi com a Renascença que Liu conseguiu comprar as coisas para se casar. Conta que a venda, hoje, está muito mais difícil do que há 20 anos. Diz também que no começo tirava o padrão da blusa e copiava, mas agora faz o desenho por conta própria. Sua inspiração são as folhas do mato. Vai criando pontos novos, coloca o **Dois Amarrados**, a linha e segue inventando.



Saiba mais sobre os pontos da Renascença na página 48.

Inácia Farias Cavalcante é de Cacimbinha, área rural de São João do Tigre, Paraíba. Tem 74 anos. Faz renda desde os dez. Aprendeu vendo outra rendeira trabalhar: “bastava olhar o ponto e já sabia”. Até hoje é assim. Para ela, a Renascença é sua vida: “eu sou tão arriada por essa Renascença, que quando eu tô sem trabalhar, adoeço”, diz. Seu marido era criador de gado e agricultor. Com 37 anos, Inácia começou a ensinar Renascença. Pela manhã, ajudava outras mulheres a tecer, à noite estudava e ainda achava um tempo para fazer renda. Deu aula na Associação de Rendeiras de Cacimbinha (Arca) e também ensinou pessoas de São Paulo a tecer. “Elas não sabiam que não era para fechar nó, não era pra emendar linha, era pra contornar direitinho. Eu sabia, aí tinha que ter uma pessoa pra explicar, num era?”, recorda. Para Inácia, a parte mais difícil do trabalho é **“arrancar a peça”**. Muitas vezes, chamava a família toda para ajudar nessa etapa final.

Veja o que é em “Nossa Língua é Linda”, na página 76.



segredo de rendeira

“Uma renda bem feita é aquela que dura muito, tem o ponto firme, não tem muito nó e o nó é seguro. Uma renda mal feita é a que tem pontos graúdos, que ficam se soltando”

Maria das Graças Sidrônio, a Maria de Odon, Poção, Pernambuco.



você sabia?

Quando começaram a tecer colorido, as rendeiras usavam linhas coloridas. Podia ser a mesma cor em toda peça, ou o lacê de uma cor e os pontos de outra. Hoje, usam também o tingimento das peças prontas. Elas tingem com tintas de tecido ou com produtos naturais, como plantas.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Fechar nó ou Emendar linha

– quando a linha acaba durante o tecer e a rendeira amarra uma ponta de linha que terminou na ponta de linha que começa.

Arrancar a peça

– é a etapa final do processo, quando é preciso cortar o alinhavo que prende a renda feita no papel grosso.

divertimento

R O A N G I C O I J H T
T P B F O V E A D O O A
A R O E I R A T O R C T
F E C Z J U G H G E A U
G A A B E D C A A J C P
C U X K M O O H M U T E
W L I C U R I X B A O B
K D H U R E Ç Q A Z L A
U A D T I Z O W A E I P
M G K I C U T Z A I E R
B Y F A I U P A E R P K
U M O R S E J A T O B A

Caça-palavras

Procure as palavras da lista no quadro de letras. Risque na lista cada palavra que encontrar:

- AROEIRA
- ANGICO
- JUAZEIRO
- CACTO
- CUTIA
- VEADO
- TATUPEBA
- PREÁ
- GAMBÁ
- UMBU
- JATOBÁ
- MURICI
- LICURI

Depois que terminar, confira as respostas na página 127.



história de rendeira

Rosa Maria de Lima tem 65 anos e sete filhos. Mora em Cacimba Nova, São João do Tigre, Paraíba. Estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental. Aos 12 anos, começou a fazer renda. “Vieram umas mulheres de Poçoão que faziam renda. Eu olhava e logo aprendi”, recorda. Conta que nessa época, há quase 40 anos, poucas mulheres sabiam fazer renda. Sempre trabalhou muito, na agricultura e na Renascença. “Posso estar nervosa como estiver, minha felicidade é quando boto a renda na perna. Aí, não tem mais problema”, diz. Rosa lembra que plantava no Agreste, porque em Cacimbinha a terra é muito fraca, então subia a serra para plantar. Foi a Renascença que a ajudou a criar os filhos e mudou muito a sua vida. De um rancho de palha, passou a morar em uma casa de alvenaria em Jataúba. Ensinou renda para muitas mulheres. Tinha que conciliar a renda com o roçado e os serviços de casa. “Naquela época, acho que o serviço de casa era menor. Não tinha alumínio pra arear, não tinha tanta roupa pra lavar, ficava oito dias com a mesma roupa e lavava com espuma de juá”, lembra a rendeira.





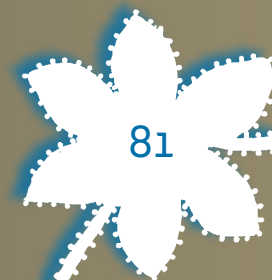
aranha tecida

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*“Minhas irmãs seriam a Aranha,
porque quem compra delas
só gosta de Aranha, mas é
aquela olho de pombo”*

Rendeira de Poção, Pernambuco, durante
oficina para elaboração desta publicação.



rodas de conversa

ARANHAS TECEM, RENDEIRAS TAMBÉM

“Mulher rendeira é mulher forte”. “Mulher de coragem, trabalhadeira”. “É heroína, guerreira e fada”. É assim que as tecelãs se apresentam, falam de si e de sua luta diária para “dar conta de tudo”: da roça, da casa, da família e da Renascença.

A maior parte delas é, também, agricultora. Algumas têm mais uma profissão, como comerciante, professora ou Agente Comunitária de Saúde. Muitas são mães e avós. E todas gostam de ser reconhecidas como rendeiras e artesãs da Renascença.

Elas contam que a vida sem a renda seria muito difícil. Há vinte anos, conseguir trabalho era um desafio. Estudar era ainda mais complicado. Principalmente na zona rural. Para chegar à escola, às vezes, era preciso caminhar léguas. Muitas delas, inclusive, tinham apenas um calçado. E, por isso, algumas caminhavam com a sandália na mão “para não gastar”.

As rendeiras são criativas. No início, para aprender o ofício da Renascença, até palito de fósforo virava agulha. Mesmo sem material suficiente, conseguiam tecer. Com a renda, foram tecendo outras formas de vida. A Renascença virou uma forma de conseguir o próprio sustento, pagar os estudos dos filhos, comprar casa, móveis, terrenos. Com ela, as mulheres se sentem mais fortes e abrem horizontes que, antes, não eram possíveis.

Nos períodos de estiagem, a Renascença foi se tornando mais uma alternativa de sustento para as famílias da região. Em muitas casas, se tornou, inclusive, a única fonte de renda.

Para as rendeiras “tecer a renda acalma, é terapia, lazer e distração”. Tecendo “esquecem da vida”. Dizem que ser rendeira “é um dom” e também um compromisso: “é



cumprir com as encomendas, fazer correto e ter sinceridade”.

As rendeiras gostam de rendar à noite porque é mais tranquilo e não têm outros afazeres.

É graças à força e à resistência das mulheres que a Renascença é tão viva no Semiárido nordestino, há quase 100 anos. Uma arte reconhecida no Brasil e em outros países.

Alguns homens começaram a ajudar nos processos de produção da renda: tecendo, desalinhavando ou lavando. Também começaram a ajudar as esposas nas vendas das peças. As rendeiras contam que isso aconteceu mais em Pernambuco do que na Paraíba. Hoje, alguns

homens tecem, outros desenham, mas muitos lavam, engomam e passam a Renascença.

“Mulher rendeira é igual a quem faz a renda, é uma identidade. Eu me orgulho porque é difícil de aprender, é trabalhoso. A maior alegria é chegar num encontro e ver as mesas forradas com renda, ver o pessoal usando Renascença”

Maria das Dores dos Santos, a Maria de Gonzaga, São João do Tigre, Paraíba.

história de rendeira

Iolanda Bezerra Cabral, a Nana, tem 64 anos. É indígena e pertence ao povo Xucuru, de Pesqueira, Pernambuco. Aos onze anos, aprendeu a fazer Renascença. Desde muito pequena ajudava o pai a plantar e a colher na roça. Com a mãe, ia para feira vender as frutas que plantavam. Saía de manhãzinha para cuidar das verduras. Às 9h começava a tecer. Às 12h ia “aguar” as verduras e a noite voltava a tecer. A Renascença chegou à aldeia através de uma prima que aprendeu em Poção e, quando voltou, ensinou às outras mulheres. A mãe de Nana não aprendeu e continuou a se dedicar apenas à agricultura. Mas sua irmã aprendeu e lhe ensinou. Nana sabe fazer tudo: desenha, molda, tece e costura. Sabe aumentar o desenho quando está pequeno e diminuir quando está grande. Conta que só não gosta de alinhavar “porque o fundo da agulha fura o dedo”. Sobre as vendas, diz que nunca foi muito fácil, porque tinha que buscar o comprador. Lembra que no início, as pessoas achavam que a Renascença era feita com máquina e se espantavam quando elas diziam que era feita à mão. Acha que hoje, mesmo a renda estando mais comercial porque têm lugares onde vender e se faz muito mais coisas de renda, a venda ainda é um desafio.



Joventina Valdevino de Souza é mais conhecida como Nina. Tem 81 anos e é de Cacimbinha, zona rural de São João do Tigre, Paraíba. Só fez três meses de escola. Aprendeu renda com 19 anos, observando outras mulheres a tecer. Ia para outras cidades para vender a renda na feira. Primeiro em Poção, depois em Jataúba, as duas em Pernambuco. “Quando fazia toalha de três metros, vendia em Poção, ia a pé. O dinheiro era pra fazer a feira. Quem era doido de comprar um calçado? Um luxo. O dinheiro que sobrava da feira eu comprava novo material”, lembra. Hoje, faz artesanato com garrafas plásticas. Teve dificuldade de continuar com a renda, por falta de dinheiro para comprar o material. “Pra Renascença tem que pagar risco, comprar papel fino, comprar papel grosso, pagar alinhavo e aí quando vende, fica o que?”, questiona.



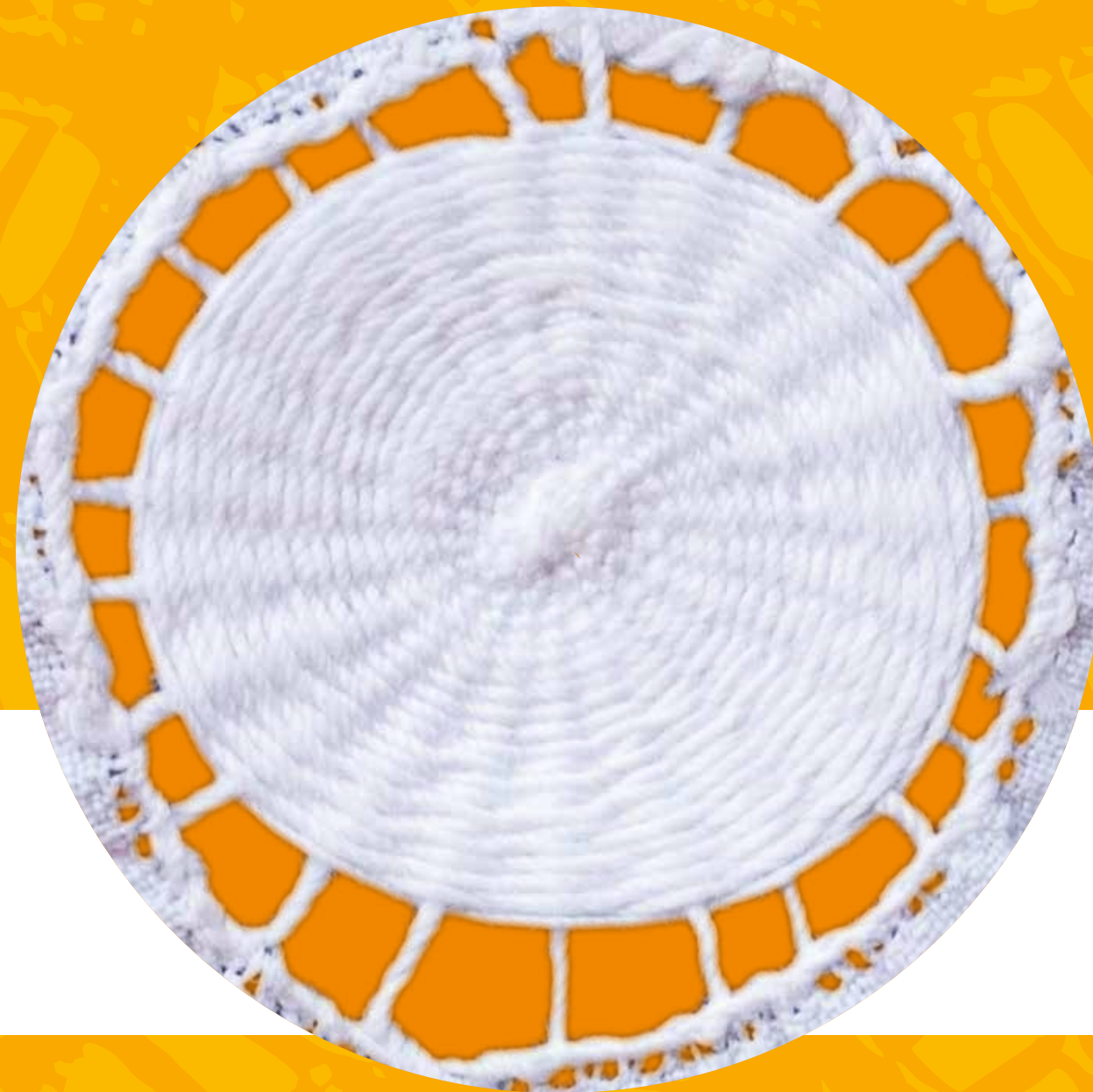
segredo de rendeira

“O ponto Aranha Tecida é o mesmo que o ponto Fundo de Cesto com Nervuras. São as Nervuras que dão apoio. Mas quem não sabe fazer fica só juntando e faz um bolinho subindo.”

Iolanda Bezerra Cabral, a Nana – Aldeia Pé de Serra, Pesqueira, Pernambuco.

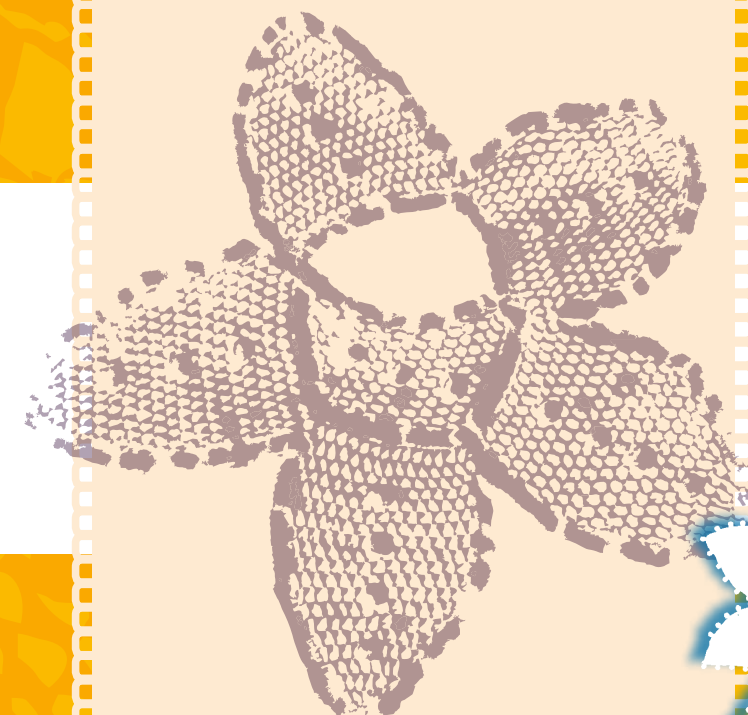
NOSSA LÍNGUA É LINDA

Viés – é uma tira de tecido, muito usado em acabamento de costura.



você sabia?

A Renascença pode ter herança dos índios brasileiros. Dizem que certos pontos foram inspirados na tecelagem de cipó que algumas etnias utilizavam para fazer esteiras e cestos.



O segredo de rendeira

"O ponto Malha exige cuidados na hora de fazer e depois de pronto. Precisa de atenção quando for lavar e passar, porque ele fica revirando de um lado pra outro. A agulha de Malha é uma agulha só para ele. A minha mãe fazia Malha, ela contava as rodadinhas que ela dava, ela me ensinou 18 rodadinhas, para que não saia um ponto de um tamanho e outro de outro tamanho"

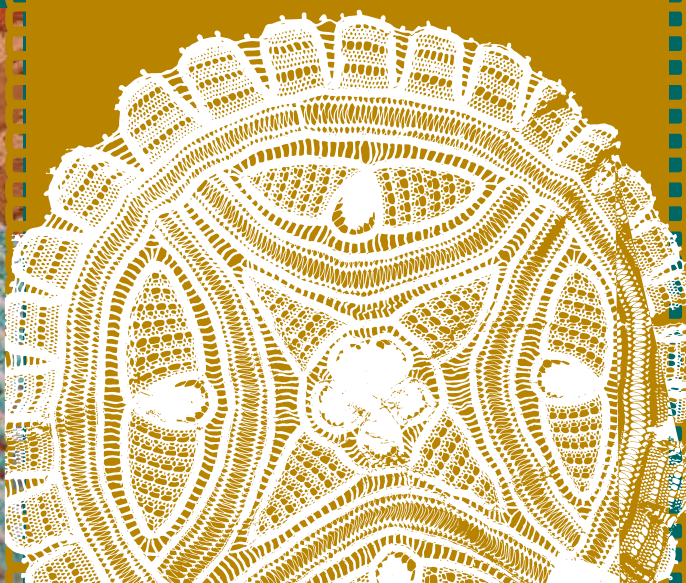
Maria Aparecida Silva Souza, Zabelê, Paraíba.



você sabia?

A Fenearte é considerada uma das maiores feiras de artesanato da América Latina. Acontece em Pernambuco e reúne artesãos e artesãs de todo o Brasil, inclusive as rendeiras de Renascença. Saiba mais:

[www.http://www.fenearte.pe.gov.br/](http://www.fenearte.pe.gov.br/)



divertimento

R	O	A	B	S	I	A	N	I	N	H	A
T	C	B	F	O	X	I	G	U	C	O	D
A	K	A	J	D	E	C	T	O	R	R	E
F	E	C	Z	J	U	G	H	F	E	E	T
G	Z	A	B	E	D	L	A	Q	Z	C	D
C	U	X	K	S	O	L	H	B	C	H	O
W	G	I	J	J	R	A	X	U	R	I	A
K	D	H	A	R	E	Ç	Q	Q	K	L	J
X	A	D	R	E	Z	O	W	A	X	I	P
B	G	K	Y	Z	J	F	G	R	Z	E	R
Q	Y	F	A	D	U	P	A	E	D	P	K
A	M	O	R	S	E	G	U	R	O	J	A

Caça-palavras

Procure as palavras da lista no quadro de letras. Risque na lista cada palavra que encontrar:

SOL

LAÇO

TORRE

XADREZ

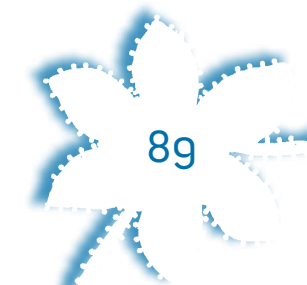
ABACAXI

SIANINHA

RECHILIÊ

AMOR SEGURO – 10 letras

Depois que terminar, confira as respostas na página 127.



história de rendeira

Cacilda Zeferino Neves tem 76 anos. É de São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba. Aprendeu renda em 1954, quando foram ensinar Renascença em sua casa. No começo fazia poucos pontos. Depois aprendeu a fazer Traça, Sianinha e Pipoca. Na época que vivia no sítio, plantava palma pela manhã e tecia à tarde. Quando saiu do sítio para a cidade chegou a trabalhar com mais de 60 rendeiras, coordenando o trabalho delas. Também trabalhou durante 37 anos

na Igreja. Acredita que para fazer Renascença tem que ter o dom: “a renda é uma arte que a gente tem que trabalhar para ganhar alguma coisa”. Cacilda conta que a diferença dos dias de hoje é que existem muitos pontos conhecidos e, antes, cada rendeira fazia o ponto que queria. “Acho boa a Renascença, porque ocupa a cabeça. A gente não fica falando da vida alheia”, brinca.



Maria do Socorro Barbosa Germano tem 56 anos. É da zona rural de Poção, Pernambuco. Aprendeu renda com a mãe, aos sete anos. Trabalhou na Renascença e na agricultura até ficar maior de idade. Casou e foi morar na cidade. “Fiz meu enxoval de casamento, trabalhando na renda”, lembra. Foi uma das mulheres que ajudou a criar a Associação Cáritas Paroquial Cruzeiro de Poção. Hoje, está como presidente. Socorro acha importante participar de encontros e feiras: “comecei a viajar para a [Fenearte](#), adquiri maquineta, comecei a conhecer mais gente, gente de longe. Com a internet, a gente é visto em todo lugar”. Para ela, a tecnologia ajuda também, “pois hoje o pessoal manda a foto do modelo e o estilista desenha”. Conta que gosta muito de criar e diz que os clientes querem padrões mais criativos. “Para fazer as rosas você pode fazer de todo tipo, ponto fino, redondinho, desenho diferente. Mas não pode colocar o desenho de qualquer jeito, porque a peça vai desvalorizar”, explica. Para ela, “ser mulher rendeira é muito gratificante, é minha arte, é o que eu sei fazer”.

Saiba mais sobre a Fenearte na página 88.





ponto

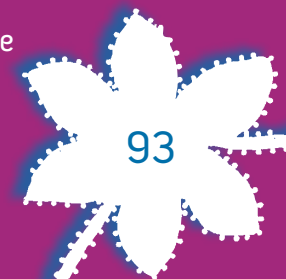
rechiliê

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

*“O ponto que eu mais gostava
era Rechiliê porque trabalhava
mais rápido, mas também queria
ser Tracinha tecida nas rosas,
porque acho muito bonito”*

Rendeira de Poção, Pernambuco, durante
oficina para elaboração desta publicação.



A MULHER RENDEIRA E A RENDA QUE A RENASCENÇA DÁ



Tecer renda é a alma da Renascença. Embora existam vários tipos de rendeiras, como as alinhavadeiras, desenhistas, lavadeiras e engomadeiras, é a tecelã quem ocupa o lugar mais importante no caminho da Renascença. Mas ainda enfrentam muitas dificuldades neste caminhar.

Apesar de muitas trabalharem toda a vida com a renda, elas não conseguem se aposentar como artesãs. Algumas obtêm a aposentadoria porque também são agricultoras.

Contam que outro grande desafio é a comercialização. Como chegar a um preço justo para um trabalho delicado, que exige dedicação, paciência e um saber tão especializado? As rendeiras explicam que o valor da peça depende

de muitas coisas, desde o preço do material, até o quanto quem contrata a artesã quer pagar pelo trabalho.

Muitas rendeiras trabalham por novelo. Ou seja, elas são contratadas para fazer uma peça e são pagas pelo número de novelos de linha que vão ter que desmanchar para fazer o serviço. O preço do novelo varia de R\$ 25,00 a R\$ 60,00, a depender de quem contrata. Uma boa rendeira tecelã leva cerca de uma semana para tecer dois ou três novelos. Isso significa que se fizerem dois novelos na semana poderão ganhar entre R\$ 50 e R\$ 120.

O preço da peça também depende do capricho da rendeira. Quanto mais cuidadosa ela for, mais bem acabada será a peça, o que agrega valor ao produto.

Outras rendeiras trabalham por conta própria.

“Ser mulher rendeira é cumprir com as encomendas, fazer correto, ter sinceridade. Se pega um vestido que leva dez peças, não é pra botar vinte”

Maria do Socorro Lopes, São João do Tigre, Paraíba.

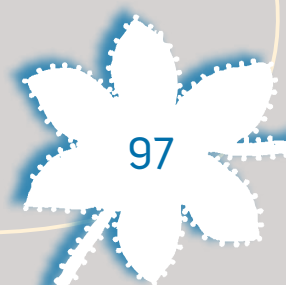
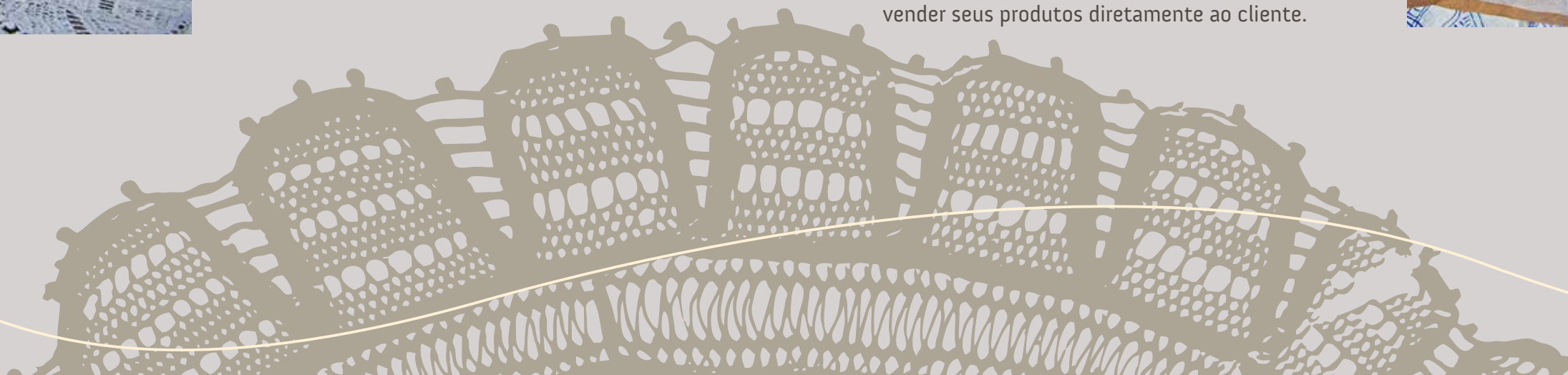


A dificuldade, neste caso, é encontrar clientes que paguem um valor que compense tudo o que gastaram em material e tempo de trabalho. Muitas vezes, elas não conseguem ter lucro. Todo o dinheiro que entra é usado para pagar material, molde, desenho, alinhavo, energia elétrica e a própria hora de trabalho da rendeira. Só conseguem o dinheiro para comprar mais material e fazer novas peças. Por isso, muitas delas preferem trabalhar por novelo, por não terem condições de comprar material.

Os atravessadores também podem trazer desafios. Muitos comerciantes e estilistas compram as peças por um valor baixo e as revendem com um preço muito maior.

Outro obstáculo é concorrer com a fábrica da Renascença que se instalou na região. Por um lado, o surgimento dela garantiu emprego para várias pessoas, mas por outro dificultou o trabalho das rendeiras. Segundo elas contam, apesar de a renda feita na fábrica possuir qualidade inferior, é difícil competir com as facilidades oferecidas para o cliente, como menor preço e possibilidade de parcelamento da compra.

As rendeiras dizem que há cerca de 20 anos, quando Poção tinha sua própria feira, a renda era valorizada e o preço era mais vantajoso. A Feira de Pesca, apesar de ter perdido muito sua força, ainda é um lugar importante para as rendeiras que tentam vender seus produtos diretamente ao cliente.



história de rendeira

Deográcia Monteiro Nascimento, a Deo, tem 60 anos. Vive em Jataúba, Pernambuco. Teve oito filhos. Aprendeu a tecer com vizinhas da sua família. Conta que a renda era a única alternativa de trabalho que as mulheres de sua cidade tinham além do roçado. Ela também trabalhava no roçado. É aposentada como agricultora. Mas foi com a renda que ajudou a criar os filhos. Uma de suas filhas também é rendeira. “A Renascença é uma cultura. Tanto mantém a nós quanto ajuda outras pessoas, é o nosso ganha pão”, diz. Deo sabe fazer todas

as etapas da renda, inclusive criar os desenhos. Ela também contrata o serviço de rendeiras e compra algumas peças para revender. É na Feira de Pesqueira onde consegue fazer as melhores vendas. Mesmo assim, conta que o comércio da Renascença não está fácil e muitas pessoas estão abandonando a renda para trabalhar em lojas de confecção. Mesmo com as dificuldades, garante: “ser rendeira é importante. É prazeroso. Não é só um trabalho, é divertimento. Ser rendeira é maravilhoso”.



Maria Regina Gomes é de São Sebastião do Umbuzeiro, na Paraíba. Tem 50 anos. Aos oito, começou a fazer Renascença observando as irmãs mais velhas. Pegava um retalho, fazia as tiras e pregava num papel. Inventava “sem risco, sem nada” e ia aprendendo os pontos. Com dez anos, já vendia suas primeiras peças. Seu pai fazia tijolos e era agricultor. Ao todo, são dez filhos: seis mulheres. Todos ajudavam o pai na olaria, enquanto ele batia os tijolos. Regina se aposentou como professora, tem especialização, mas nunca parou de fazer renda. Conta que mesmo com pouco tempo, trabalha nas horas vagas e à noite, porque adora fazer renda e não se separa dela. Já vendeu muito na Feira de Pesqueira. Em dezembro de 2015, seus vestidos foram exibidos no desfile de Monteiro, município paraibano. É presidente da Casa da Renda de São Sebastião do Umbuzeiro. Acredita que a participação das mulheres nas reuniões, encontros e feiras ajuda a Renascença a evoluir. Diz também que nas oficinas, as rendeiras conseguem descobrir novos usos para a renda, criar peças diferentes como capa de bíblia, anel, entre outras. “Ser mulher rendeira é tudo de bom. Em cada reunião, em cada encontro, sempre tem coisas novas”, conta.



Caminho da renda:



1. Fabricação dos materiais: Linha, Lacê, Cola, Agulha, Papel Manteiga, Papel Grosso, Plástico Grosso, Tecido, Caneta ou Lápis. Alguns materiais podem ser reaproveitados, como o Papel Grosso e o Plástico Grosso para a colagem do desenho. Também as latas que dão sustentação ao rolo são de reaproveitamento. Os materiais são fabricados em locais diferentes e não pelas rendeiras.

2. Modelagem: normalmente é feita por costureiras, estilistas ou designers de moda, mas algumas rendeiras sabem fazer.

3. Desenho: pode ser feito à mão ou no computador, como acontece na fábrica de Renascença. Quando feito à mão, algumas rendeiras sabem fazer.

4. Apregoamento do papel fino no papel grosso ou plástico grosso: a maioria das rendeiras sabe fazer, mas normalmente fica com quem vai alinhar o trabalho.

5. Alinhavo: muitas rendeiras sabem fazer, mas é feita por algumas rendeiras, chamadas alinhavadeiras.

6. Preparação da almofada ou rolo de trabalho: feito pelas próprias rendeiras.

7. Tecelagem: o papel principal das rendeiras.

8. Retirada do alinhavo: as próprias rendeiras tecelãs retiram o alinhavo.

onde começa e onde termina a Renascença



9. Arremate: feito pela maioria das rendeiras.

10. Montagem de peças: quando a peça é inteira não passa por essa etapa, mas normalmente as peças são feitas em partes separadas que, ao final, são montadas. Cada parte pode ser feita pela mesma rendeira ou por rendeiras diferentes. Por exemplo, a frente e as costas de uma blusa, podem ser duas partes separadas que são unidas para formar a blusa. Algumas outras peças possuem apenas uma parte da peça de renda e recebem palas ou aplicações para serem compostas.

11. Tingimento: algumas rendeiras preferem tingir a peça a costurar com linha colorida por conta do tempo e trabalho necessários para isso.

12. Lavagem: algumas rendeiras fazem, mas esta etapa tem uma grande participação de homens por causa do peso das peças.

13. Engomagem com fécula de mandioca: assim como a lavagem, embora algumas mulheres façam tem uma grande participação de homens.

14. Adaptação ou transformação da peça: algumas pessoas ou designers compram peças prontas para adaptá-las, por exemplo, transformar uma toalha de mesa em um vestido.

15. Venda: pode acontecer no próprio local de produção das peças ou em outros municípios, em feiras ou encontros.

16. Revenda: as peças são vendidas longe do local onde são feitas, seguindo muitas vezes para outros estados ou países.

Veja o que é em
"Nossa Língua é
Linda", na página 103.

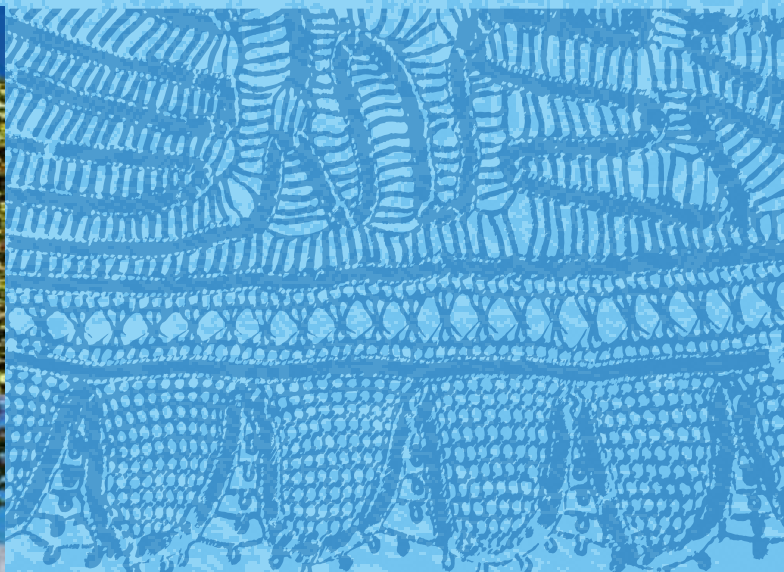
segredo de rendeira

“Para se distinguir renda tingida da não tingida você deve observar o lacê e ver se a linha que fica junto tem a mesma cor, se a cor fica igual. Quando no meio do lacê tem um espaço branco, a gente vê que foi tingido. O lacê nunca fica igual com linha. As tonalidades ficam diferentes”

Sebastiana Jesuína Barbosa, Zabelê, Paraíba.

“Quando uma renda é feita por mais de uma pessoa, para ficar perfeita, é preciso encontrar aquelas rendeiras que fazem o trabalho igual, assim, quando juntar as partes que formarão a peça, quem vê não vai saber que foi feita por muitas mãos”

Maria Regina Gomes, a Regina, São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba.



divertimento

O que é o que é...

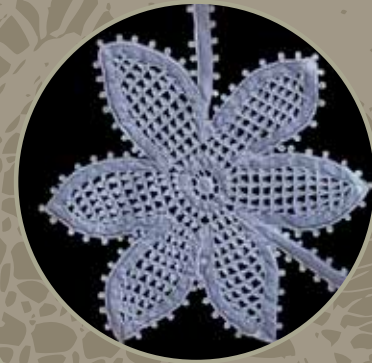
Uma ave brasileira, que também é conhecida como zabelê. Vive nas matas em Minas Gerais e no Nordeste e também na Caatinga. Gosta de muita água e de comer sementes, frutas pequenas e insetos. É difícil de ser reproduzida em cativeiro porque um macho costuma se acasalar com várias fêmeas. Como as galinhas, voam pouco e se empoleiram em arbustos para dormir.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Apregoamento – no dicionário, o seu significado é divulgar ou proclamar, mas também aparece como sinônimo de pregar. Para as rendeiras, apregoar é costurar o papel fino ao papel grosso na hora de alinhar a peça.

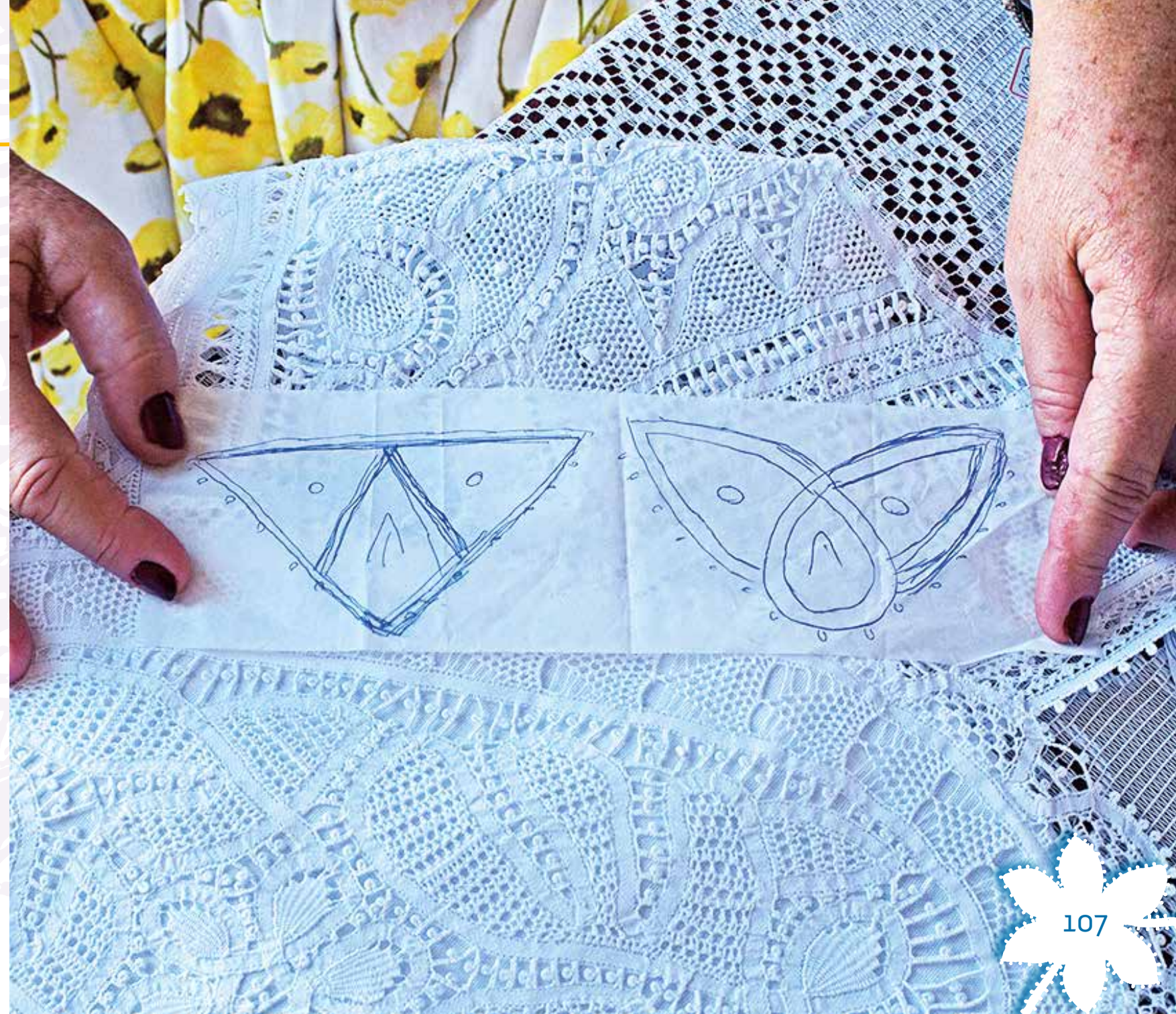
Engomagem - o ato de engomar, colocar goma ou fécula de mandioca na renda ainda molhada na água de enxague para depois passar o ferro.

Depois que
terminar, confira as
respostas na página 126.



história de rendeira

Maria José Ventura Alves é de Cacimba Nova, Pernambuco. Começou a fazer Renascença aos sete anos, contrariando a vontade do pai. Aprendeu sozinha, escondida na cozinha. Começou com um travesseiro bem pequeno. Seu sonho era fazer Renascença para ter dinheiro e poder comprar suas coisas. Hoje, “mesmo sendo pouco”, a Renascença garante seu sustento. Conta que antes, a renda era muito desvalorizada e que tinha muito atravessador, mas hoje faz venda direta. “Comprei até uma bezerra”, conta. Com a renda, conseguiu também comprar tudo o que precisou para o seu casamento, há 22 anos. No começo fazia os pontos Dois Amarrados, Rechiliê, Torre e Abacaxi de Dois. “O Dois Amarrados ficava mais bonito, parecendo uma casa de abelha”, lembra. Fazia toalhas de até quatro metros. O pai começou a ajudá-la pagando o material. Sabe tecer, faz um pouco de alinhavo e o acabamento. Nos eventos que vai, sempre aprende alguma coisa nova. Diz que quando faz desenhos diferentes, é mais fácil vender as peças. Na comunidade quilombola onde mora, todas as mulheres fazem renda. Já os jovens, segundo ela, não se interessam muito porque “o ganho é pouco”. Por isso, acredita que “a gente tem que fazer e trazer as outras pessoas, porque essa é uma planta que precisa ser cuidada, para não morrer. É preciso ensinar os filhos, pensando no futuro”.





ponto
to

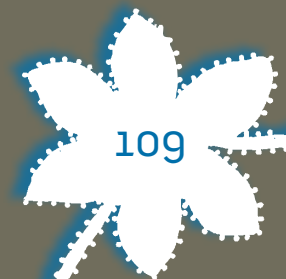
ilhós

sabedoria de rendeiro

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

“Não sei que ponto seria, mas gostava de fazer todos os pontos, menos Torre e Sianinha. Fazia muito Ilhós, que hoje ninguém quer fazer porque é trabalhoso”

João Elias Espíndola, Poção, Pernambuco.



A FORÇA DELICADA DO TRABALHO EM GRUPO

Para manter a Renascença viva, as rendeiras apostam no trabalho coletivo e solidário. Tradição que vem desde a chegada da Renascença à região. A primeira coisa que Lala fez foi organizar um grupo de mulheres. Na “escola” de Lala, ela ensinava a tecer e também liderava a produção e a venda das peças.

Em grupos, as rendeiras se fortalecem para superar as adversidades, aprendem e produzem juntas. Compartilham a vida, fortalecem os vínculos e colocam em dia as notícias do lugar. Trocam pontos novos e material de trabalho, fazem o serviço da outra para ajudar a terminar a encomenda.



A relação de confiança entre elas é muito forte. Quando uma viaja para as feiras, leva as peças das colegas como se fossem verdadeiros tesouros. No retorno, fazem a prestação de conta do que foi vendido. As líderes dos grupos, muitas vezes, são também mestras da renda.

Cada vez mais, os grupos de rendeiras estão se transformando em cooperativas e associações. Assim, conseguem encomendas maiores; dividem melhor as tarefas para a produção da renda; compram material de forma coletiva em maior quantidade e, por isso, conseguem menores preços, além de aprenderem muito nos encontros e reuniões.

*“Ser mulher rendeira? Ave Maria!
Eu adoro! Eu adoro ser rendeira.
Uma que foi o trabalho que me
deu oportunidade de eu sair, de
eu ter meu dinheiro, deu comprar
minhas coisas. E outra que eu
me vejo, eu boto minha bolsa de
renda, saio por aí e vou vender,
eu me acho, eu me acho”*

Severina Maria Pereira, a Biu, Cacimbinha,
São João do Tigre, Paraíba.

história de rendeira

Elza Feitosa Ferreira tem 78 anos. É de São João do Tigre, Paraíba. Começou a fazer Renascença aos 16. Foi a rendeira Maria de Olavo que a ensinou. Com ela, aprendeu mais de 60 pontos.

No começo, fazia toalha e colcha. Lembra com alegria quando ela e a irmã venderam a primeira toalha, Elza tinha 17 anos e a irmã, **Elzira**, 12. Buscava os desenhos alinhavados com o lacê na casa de outra rendeira. Levava até três horas de cavalo para chegar lá. Há 20 anos, passou a fazer blusas também. Sabe fazer tudo de renda, só não “desenha da própria cabeça”, mas copia o desenho feito pela irmã. Até hoje ela faz Renascença. “Acho mais bonito o ponto Cestinha, quando a linha acaba, dou um nozinho no lacê e começo de novo”, explica. Elza tem dois filhos. Diz que o marido nunca achou ruim que ela fizesse renda. Também trabalhou como professora e em um cartório da cidade, mas não conseguiu se aposentar.



Veja a história da rendeira na página 113.

Elzira de Freitas Souza tem 73 anos. É de São João do Tigre, mas mora em Camalaú, também na Paraíba, há muitos anos. Aprendeu Renascença aos doze anos com Maria de Olavo, assim como sua irmã, **Elza**. Concluiu o Ensino Médio. Vivia com a família em um sítio. Ajudava na criação dos animais, limpava o chiqueiro, tirava leite de cabra e sempre arranjava um tempo para a renda. Sabe fazer tudo de renda e até desenha a peça. “Começava a fazer Renascença à noite e ia até de madrugada, com um candeeiro antigo de chaminé”, recorda. Casou com 26 anos e teve quatro filhos. A casa onde mora foi a primeira de São João do Tigre. “Foi escola, foi delegacia, foi posto fiscal, até preso colocavam”, diz. Quando a cidade se emancipou, Elzira se tornou a primeira secretária da prefeitura. Nunca deixou de fazer renda. Viajou pra muitos lugares para participar de feiras e vender a Renascença.



Veja a história da rendeira na página 112.

segredo de rendeira

“Nervura é um ponto antigo. Ele é devagar, porque você faz o ponto, depois faz o ponto por cima de novo e tem que fazer com cuidado para não repuxar o que já estava feito”

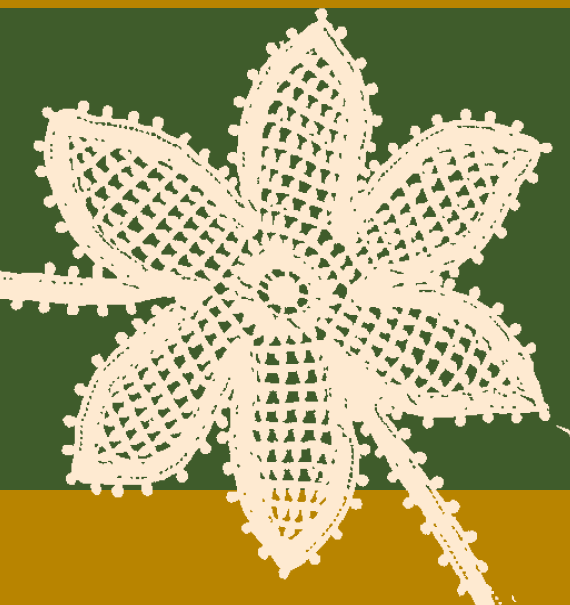
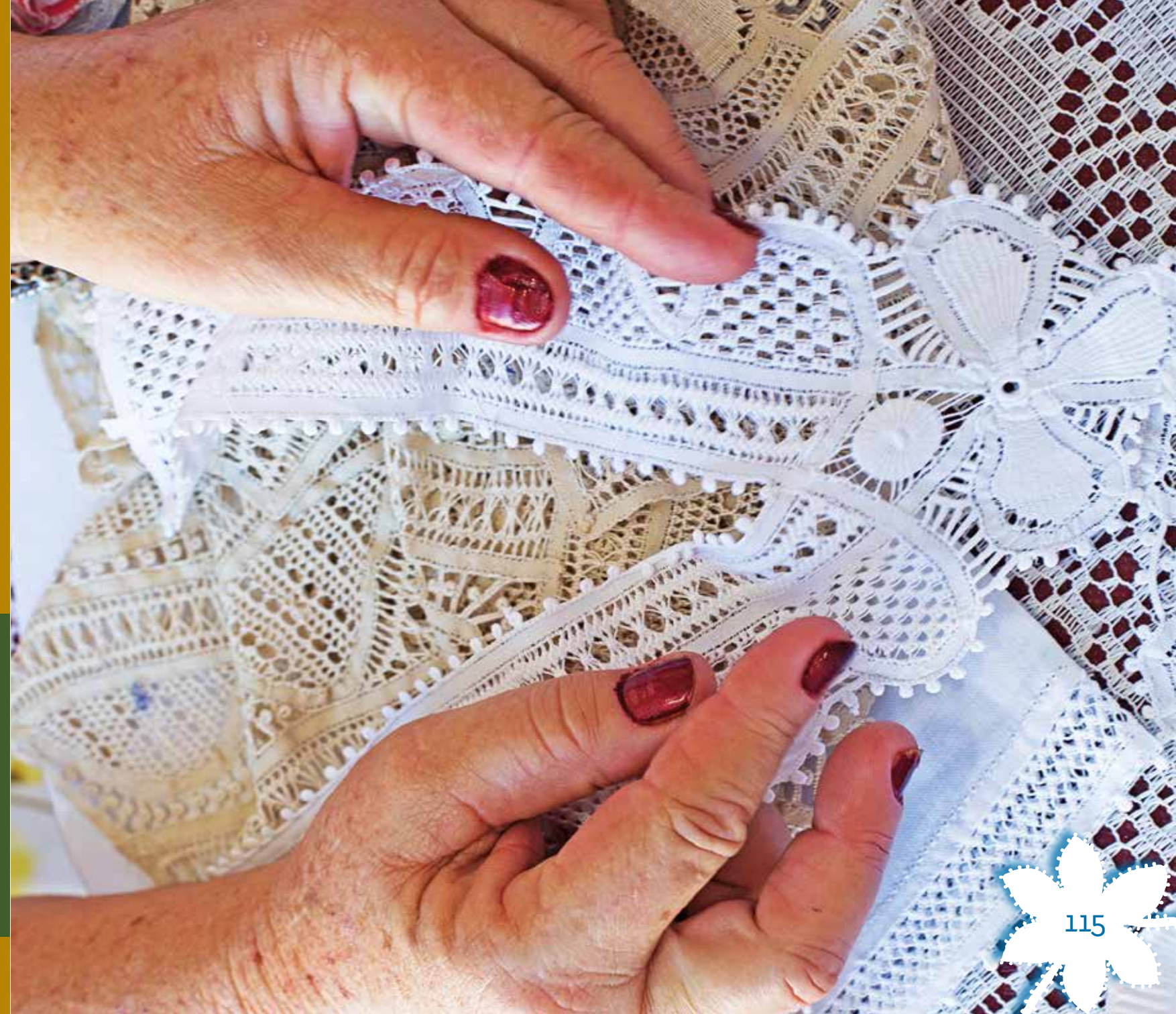
Maria Aparecida Silva Souza, a Aparecida, Zabelê, Paraíba.

você sabia?

Algumas mulheres quando começaram a aprender a Renascença, por não terem dinheiro para comprar o lacê, improvisavam com viés de tecidos, até mesmo de seus vestidos ou com a auréola, que é a barra do final do tecido.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Da própria cabeça – é uma expressão muito usada pelas rendeiras para dizer que criaram (o ponto, o tema, a peça etc) usando sua inspiração e imaginação, sem copiar de nenhum outro lugar.





traça

sabedoria de rendeira

SE VOCÊ FOSSE UM PONTO DA RENASCENÇA,
QUAL SERIA?

“Seria a Traça porque ela é muito trabalhosa, mas quando bem feita ela é muito bonita, tanto a redonda como a compridinha”

Rendeira de Monteiro, Paraíba, durante oficina de produção desta publicação.



TECENDO O AMANHÃ

Como continuar a tecer a história da Renascença? É uma pergunta que as rendeiras se fazem. Criar uma escola para ensinar renda ou levar este saber para dentro da escola formal é o desejo de muitas delas. Desta forma, a nova geração poderá ter contato com esse ofício tão especial e importante para o desenvolvimento da região.

Renascença é tradição. É arte. É sabedoria. Foi com suas avós, mães e tias que a maioria das rendeiras aprendeu o ofício. Das mais velhas para as mais novas, a Renascença foi sendo tecida e foi tecendo as vidas dessas mulheres. Por muito tempo, foi uma das principais fontes de renda para muitas famílias do Semiárido nordestino.

Hoje, os jovens têm mais opções de trabalho. Conseguem ingressar em uma universidade. Os atrativos são outros. Principalmente, porque a renda não traz um retorno financeiro tão rápido e exige muita dedicação. Por isso, muitas rendeiras de mais idade acreditam que criar espaços para ensinar a Renascença pode ajudar a despertar o interesse das novas gerações e garantir que esse saber não se perca.

“Quando faço renda gosto, sinto que estou levando uma cultura de meus antepassados à frente.

Eu sinto uma alegria enorme”

Rendeira de Monteiro, Paraíba durante oficina de produção desta publicação.



história de rendeira

Anatália Aparecida da Silva Reinaldo mora em Cacimbinha, distrito de São João do Tigre, Paraíba. Tem 20 anos. Aprendeu Renascença aos sete. Conta que era uma criança muito curiosa e pediu a mãe para lhe ensinar. Depois, pediu a tia para ir com ela aos encontros das rendeiras e começou a fazer parte do grupo. Concluiu o Ensino Médio e quer fazer faculdade. Faz parte da diretoria da Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha e também do Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades vinculadas à Renda ([Conarenda](#)).

“Gosto muito de participar, aprendo muita coisa. Tem gente que tem preconceito com gente mais velha. Elas têm muito o que ensinar pra gente, porque ainda estamos descobrindo a vida”, diz. No começo só fazia tecer, mas fez curso de modelagem e está aprendendo a tirar o risco, alinhar e desenhar. Anatália tem muita esperança de que a renda não acabe, porque ainda têm jovens como ela que se interessam. Vende em muitos lugares, manda para o Salão de Artesanato, feiras e eventos de economia solidária. Mesmo quando não consegue vender, leva a peça para mostrar e as pessoas pegam contato, ligam e encomendam. Quando precisa de material, conta sempre com o apoio do [Banco de Matéria Prima](#).

Veja a história da rendeira na página 127.

Neide Cordeiro de Araújo tem 65 anos. É de São João do Tigre, Paraíba. Não concluiu os estudos. Trabalhava pouco na roça. O pai não a deixava “pegar no pesado”. Aprendeu Renascença aos sete anos, quando morava em um sítio vizinho à Poção, Pernambuco. Casou aos 18 anos e foi morar na Paraíba. Teve seis filhos, perdeu dois, um foi assassinado e outro ficou doente do pulmão. Antes de um dos filhos morrer, vendia Renascença em São Paulo. Hoje, vende com a Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João Tigre (Coopetigre). “Tinha que ter um tempo pra tudo, cuidar de casa, estudar, ajudar a mãe e pra renda”, lembra. Acha que os jovens de hoje não dão muito valor para a renda: “Naquele tempo não tinha essa história de faculdade. Todos queriam essa profissão. Hoje querem ser cabeleireiro, advogado”.

[Banco de Matéria Prima](#) é um serviço prestado por algumas associações de rendeiras. Por meio dele, as rendeiras conseguem comprar os materiais – linha, lacê, papel grosso ou fino etc. – por um preço mais em conta. É um empréstimo: quando a rendeira vende a peça, pega parte do dinheiro para pagar o valor dos materiais à Associação. Neste serviço, as rendeiras também recebem orientações de como se organizar para cobrar um preço pela peça que seja justo para elas e para o consumidor.





segredo de rendeira

“A renda é cultura, arte que vem de dentro. É uma coisa sua, como uma faculdade é sua. Quando você vai é seu, você leva. É como um filho que a gente gera, é a gente que está ali dentro da Renascença”

Maria de Lourdes de Souza Oliveira, a Lurdinha, São João do Tigre, Paraíba.

Mesmo não sendo tantos, tem jovem tecendo Renascença pelo Semiárido adentro. Meninas e, também, alguns meninos que têm a mãe como mestra, já começam a fazer suas primeiras peças. A renda é também uma oportunidade de os jovens participarem de espaços comunitários, como associações, cooperativas, conselhos etc. A nova geração já começa a ocupar esses espaços. Uma forma de ajudar a manter viva esta tradição que atravessa séculos.

divertimento

Labirinto

Ajude o Zabelê a encontrar a árvore de Juazeiro.



você sabia?

O Conarenda é o Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades vinculadas à Renda Renascença do Cariri Paraibano. Foi formado pelas rendeiras para garantir a origem das peças que produzem. Cooperativas e entidades ligadas à promoção do desenvolvimento econômico e social das rendeiras fazem parte do Conselho.

NOSSA LÍNGUA É LINDA

Tirar o risco – é fazer o desenho do molde da peça no papel manteiga. É o desenho que vai indicar os pontos que serão tecidos. Quem tira o risco copia de um desenho que já existe.

história de rendeira

Maria das Dores dos Santos é mais conhecida como Maria de Gonzaga. Tem 55 anos, três filhos e seis netos. Nasceu em São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba, mas mora em São João do Tigre. Nascida e criada na roça, estudou pouco, só até a 3ª série do Ensino Fundamental. Trabalhava na roça de dia e na renda à noite. Com oito anos, aprendeu Renascença vendo a mãe fazer. Ajudou muito a mãe e com a renda comprava coisas para casa. Sabe todas as etapas da Renascença e tece até hoje. “Eu trabalho para comer, nem eu, nem meu marido tem salário. O pouco que vendo, pago energia, um botijão”, conta. Maria de Gonzaga acha que hoje está muito difícil vender por conta da concorrência com a fábrica, mesmo assim continua fazendo renda e acredita: “trabalhando e vendendo me sinto com mais força de continuar”.



Josefa Pereira Neves tem 71 anos. É de São Sebastião do Umbuzeiro, Paraíba. Aprendeu renda com uma cunhada da mãe. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalhava no roçado. Quando sobrava tempo, fazia renda. Ensinou Renascença a muitas colegas. Teve seis filhos. “Uma das minhas filhas faz renda igualzinho a mim”, conta. Com ela, sempre divide as peças que produz para o trabalho ficar perfeito. Conta que quando a peça está pronta ninguém consegue saber quem fez qual parte, o que a deixa muito satisfeita.



Onde encontramos algumas informações desta publicação

- Revista Casa e Jardim. Reportagem Rendas Brasileiras de 2014 no link <http://revistacasaejardim.globo.com/casa-e-jardim/reportagem/noticia/2014/01/rendas-brasileiras.html>

- Livro Renda Renasença: uma memória de ofício paraibana, de Christus Nóbrega. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2005.

- Informativo: Mulheres de Renda. Ed. 01, nº 01, Dez. 2015, Poçoão-PE. Cáritas/SEMEAR

- Folder: Poçoão-PE, Capital da Renda Renasença, Prefeitura Municipal de Poçoão.

- Cartilha Mãos Rendeiras – tecendo histórias e disseminando conhecimentos das rendeiras de renasença da Associação de Resistência da Comunidade de Cacimbinha (ARCA) e da Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João do Tigre (Coopetigre), 1ª edição, São João do Tigre, Paraíba, Brasil, 2014.

- Almanaque Ruth Rocha, Ed. Ática, São Paulo: SP, 2004.

- Publicação do IPHAN, de 2009.

- Publicação da Fundação Joaquim Nabuco, escrita por Lúcia Gaspar.

Alguns links de pesquisa na internet:

- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Congo_\(Para%C3%ADba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Congo_(Para%C3%ADba))

- <http://www.laviemaison.com.br/renda-renasencia-uma-arte.asp>

- <http://casa.abril.com.br/materia/a-delicadeza-da-renda-renasencia>

